

U. PORTO



**FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO**

**DESENVOLVIMENTO DO TALENTO NO FUTEBOL – ANÁLISE
COMPARATIVA ENTRE DIFERENTES CONTEXTOS**

**OSCAR JOSÉ GUEDES RODRIGUES
PORTO, 2013**



AUTOR: OSCAR JOSÉ GUEDES RODRIGUES

ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO MANUEL FONSECA

CO-ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR ANDRÉ BARREIROS

PORTO, 2013

Dissertação apresentada com vista a obtenção do grau de Mestre em Ciências do Desporto, com especialização em Treino de Alto Rendimento Desportivo (Decreto-Lei n.º 216/92 de 13 de Outubro).

Rodrigues, O. (2013). Desenvolvimento do talento no futebol – análise comparativa entre diferentes contextos. Porto: O. Rodrigues. Dissertação de Mestrado, em Ciências do Desporto na área de Treino de Alto Rendimento Desportivo, apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL; DESENVOLVIMENTO; TALENTO; CONTEXTO.

Aos meus pais.

Agradecimentos

Ao Professor André Barreiros, pela orientação, pela paciência, pelos ensinamentos, pela disponibilidade constante e principalmente pela humildade e simplicidade. Graças a você consegui desenvolver este trabalho.

Ao Professor António Manuel Fonseca, pela disponibilidade e colaboração na elaboração deste trabalho.

Ao Mestre Américo Santos, pela contribuição no desenvolvimento deste estudo.

A todos os professores da faculdade, por terem feito de mim uma pessoa melhor. Principalmente na forma de pensar e agir (não desistir e procurar cada vez mais conhecimento).

Aos clubes e treinadores, por terem permitido que os seus jogadores participassem neste estudo.

Aos jogadores, pela disponibilidade, paciência e honestidade com que responderam aos questionários.

Aos meus pais, porque é a eles que devo tudo o que sou. Meu muito obrigado pela educação que me deram, pela vida que me proporcionaram, pelo grande esforço, empenho e dedicação que tiveram para que eu conseguisse chegar onde cheguei. Simplesmente, não há palavras para descrever todo o amor que sinto por vocês e o orgulho que sinto em ser vosso filho.

À minha irmã, por gostar tanto de mim. És uma pessoa muito especial... sempre presente e disposta a ajudar.

À Sofia, por ser uma mulher especial e uma fantástica companheira.

A toda a minha família, pelo apoio e carinho com que sempre me tratam.

Ao Quim e ao Hugo, por me terem ajudado na minha adaptação a um país novo. E principalmente, pela amizade sólida de tantos anos.

Ao “pessoal da bola”, pelos fantásticos momentos que passamos juntos

e pelas conversas construtivas que sempre temos.

A toda a família do Clube Futebol de Serzedo, por me proporcionarem momentos de alegria e evolução.

Ao Blanco e à Ninive, pela disponibilidade e ajuda na concretização deste trabalho.

Aos meus meninos: alunos, ex-alunos, jogadores e ex-jogadores, porque sem vocês nada disto faria sentido. É um prazer e um privilégio partilhar cada aula ou treino com vocês. Muito obrigado por me ajudarem a crescer como profissional e pessoa.

Peço desculpa se, por esquecimento, não mencionei alguém. Como forma de minimizar esta minha falha... meu muito OBRIGADO a todas as pessoas que, de uma forma ou outra, fazem parte da minha vida!!!

Índice Geral

Agradecimentos	III
Resumo	XI
Abstract.....	XIII
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	7
2.1 Características genéricas de contextos de desenvolvimento de talento eficazes.....	10
2.1.1 Objectivos e métodos a longo prazo.....	10
2.1.2 Mensagens coerentes e de apoio.....	15
2.1.3 Ênfase do insucesso no desenvolvimento inicial	18
2.1.4 Desenvolvimento individualizado e contínuo	25
2.2 O contexto de desenvolvimento... uma outra forma de analisar o talento.....	28
2.2.1 A importância de compreender o processo de desenvolvimento do talento.....	28
2.2.2 Avaliação dos contextos de desenvolvimento de talento.....	29
2.3 O talento e o futebol	31
2.3.1 Uma melhor compreensão geral (desporto) influencia positivamente o desenvolvimento específico (futebol)	31
2.3.2 A importância da prática	32
2.3.3 Factores que influenciam o desenvolvimento dos jogadores de futebol	33
2.3.4 Uma perspectiva multidisciplinar sobre o talento no futebol ..	35
3. MATERIAL E MÉTODOS	41
3.1 Participantes	43
3.2 Instrumento	44
3.3 Procedimento	45
3.4 Análise dos dados	46
4. RESULTADOS	49

4.1 Análise em função do contexto	51
4.2 Análise em função do clube	52
4.3 Análise comparativa entre os clubes do mesmo contexto.....	54
5. DISCUSSÃO.....	57
5.1 Limitações e sugestões.....	64
6. CONCLUSÕES.....	67
7. BIBLIOGRAFIA.....	71

Índice de Quadros

Quadro 1. Caracterização da amostra.....	43
Quadro 2. Análise descritiva em função do contexto.....	51
Quadro 3. Análise descritiva em função do clube.....	52
Quadro 4. Análise descritiva entre os clubes do mesmo contexto.....	54

Índice de Anexos

Anexo 1: Carta de apresentação	III
--------------------------------------	-----

Resumo

A identificação de talentos é uma questão importante no futebol. No entanto, parece que muitos programas se têm focalizado na identificação e selecção precoce de jovens atletas, descurando o processo de desenvolvimento de talentos. Além disso, numa perspectiva de investigação, existe uma falta de estudos sobre a qualidade dos contextos de formação. Uma forma de compreender melhor esta questão é através do estudo de diferentes contextos, que diferem em qualidade e produtividade, no futebol. O principal objectivo deste estudo é investigar que diferenças podem existir entre as equipas de um contexto superior e de um contexto inferior, em relação ao processo de desenvolvimento de talentos no futebol juvenil, tendo em conta as percepções dos atletas. Nesta investigação, a versão em Português do “*Talent Development Environment Questionnaire for Sport*” (Martindale, Collins, Wang, McNeill, Sonk, Sproule & Westbury, 2010) foi aplicada a 161 jogadores de oito equipas juniores de futebol, que foram designadas de contexto superior (1º divisão nacional) ou contexto inferior (distrital). Analisando os resultados, verificou-se que a comparação entre as respostas dos atletas de ambos os contextos não apresentou diferenças significativas. No entanto, notamos que: clubes de diferentes contextos podem ter condições semelhantes de desenvolvimento de talentos; clubes de contextos semelhantes podem ter diferentes condições de desenvolvimento de talentos; clubes de um contexto superior têm uma maior preocupação com o desenvolvimento dos seus atletas em todas as áreas; clubes de um contexto inferior têm uma maior preocupação com o desenvolvimento a longo prazo; existe uma disparidade na aposta do diálogo entre treinadores e atletas dos vários clubes, mas, além disso, há uma intenção geral de proporcionar oportunidades para reforçar as boas práticas.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL; DESENVOLVIMENTO; TALENTO; CONTEXTO.

Abstract

Talent identification is an important issue in football. However, it seems that many programs have focused on the early identification and selection of young athletes, neglecting the process of talent development. Also, in a research perspective, there is a lack of study about the quality of the training contexts. One way to better understand this issue is through the study of different contexts in football that differ in quality and productivity. The main goal of the present research is to investigate what differences may exist between teams from a higher context and a lower context, with regard to the process of developing talent in youth football, taking into account the perceptions of the athletes. In this investigation the Portuguese version of the Talent Development Environment Questionnaire for Sport (Martindale, Collins, Wang, McNeill, Sonk, Sproule & Westbury, 2010) was administered to 161 players from eight junior football teams, which were designated from a higher context (1st national division) or from a lower context (district). Analyzing the results, we found that the comparison between athletes' responses from both contexts showed no significant differences. Yet, we note that: clubs from different contexts may have similar conditions of talent development; clubs from similar contexts may have distinct conditions of talent development; clubs from a higher context have a greater concern for developing their athletes in all areas; clubs from a lower context have a greater concern for the long-term development; there is a disparity in the betting dialogue between coaches and athletes from various clubs, but furthermore there is a general intent to provide opportunities to reinforce good practice.

KEYWORDS: FOOTBALL; DEVELOPMENT; TALENT; CONTEXT.

1. INTRODUÇÃO

1. Introdução

Actualmente existe uma grande preocupação em encontrar novos talentos no futebol. Esta procura incessante leva a um grande investimento por parte dos clubes para obterem mais e melhores resultados (Van Yperen, 2009).

Esta preocupação faz com que os clubes invistam muito na formação. Assim, existe uma grande necessidade de desenvolver jogadores que atinjam a excelência.

Nestes últimos anos a pesquisa em ciências sociais e desportivas (particularmente na psicologia do desporto) tem vindo a gerar uma quantidade considerável de conhecimento sobre o desenvolvimento de atletas de sucesso (Barreiros, 2012).

O interesse em identificar e desenvolver talentos desportivos tem aumentado em muitos países nos últimos anos. No entanto, parece que muitos programas se têm focalizado principalmente na identificação precoce de talentos, a fim de seleccionar os mais aptos na esperança de que eles se tornem os melhores atletas seniores (Abbott, Collins, Martindale, & Sowerby, 2002).

Existem diversas influências que podem ter um impacto crucial e duradouro sobre o sucesso do desenvolvimento de um atleta talentoso (Gould, Dieffenbach, & Moffett, 2002). No entanto, um factor importante que influencia todos os atletas ao longo das suas carreiras desportivas é a qualidade e adequação do contexto de treino (Bloom, 1985).

Todos os atletas têm necessidades diferentes nas variadas fases do seu desenvolvimento e, como tal, precisam de contextos de treino diferentes à medida que progridem (Van Rossum, 2001). A maioria das investigações sobre o treino têm como foco o treinador de elite (Abraham & Collins, 1998), e, portanto, há menos informação sobre os treinadores que são responsáveis pelo desenvolvimento de talento pré-élite (Falk, Lidor, Lander, & Lang, 2004; Van Rossum, 2001). Com base nesta carência de investigação pertinente, surge a necessidade de analisar esta temática, bem como melhorar o processo de desenvolvimento na formação. Na verdade, com este objectivo de pesquisa global, é claro que o processo precisa mais do que uma avaliação

unidimensional de comportamentos do treinador (Douge & Hastie, 1993). Assim, parece apropriado considerar todos os aspectos ligados ao treino, os quais são denominados como contexto de desenvolvimento de talento (Douge & Hastie, 1993).

Além desta diferença clara de pesquisa, tem sido afirmado que há uma necessidade de investigação em contextos específicos (Douge & Hastie, 1993; Martindale, Collins, Wang, McNeill, Sonk, Sproule & Westbury, 2010), e metodologia de pesquisa para examinar e compreender o conhecimento de especialistas (Abraham & Collins, 1998). Sendo que, a compreensão e síntese deste tipo de pesquisa facultaria informação valiosa sobre contextos de desenvolvimento de talento, a qual poderia ser analisada e servir como base para futuros trabalhos. Do ponto de vista prático, tem sido destacado que a orientação para os treinadores de atletas jovens é muitas vezes implícita e, portanto, um modelo teoricamente orientado para a prática efectiva seria muito benéfico (Gilbert & Trudel, 2004).

Tendo em conta aquilo que foi referido anteriormente, é notório que existe uma lacuna no estudo sobre os contextos de desenvolvimento de talento (Martindale et al., 2010). Desta forma, é difícil perceber como o contexto pode influenciar a evolução do atleta. Na nossa opinião, uma forma de tentar analisar e compreender melhor esta temática (e, por sua vez, colmatar a falta de informação) é através do estudo de diferentes contextos de formação no futebol. Para isto podemos estudar contextos que se diferenciam na qualidade do processo e na produtividade. Assim, surge a seguinte problemática: quais as diferenças entre as equipas de um contexto superior e um contexto inferior, no que diz respeito ao contexto de desenvolvimento de talento no futebol?

A necessidade de produzir, eficazmente, contextos de desenvolvimento de talento baseados em evidências é primordial, e qualquer mecanismo que possa ajudar a preencher a lacuna teoria-prática pode ser muito valioso, uma vez que tem sido admitida a falta de uma política baseada em evidências práticas (Bailey, Collins, Ford, Macnamara, Toms & Pearce, 2009). Além disso, há um consenso comum sobre o mau aproveitamento da pesquisa científica em relação à prática desportiva (Bishop, 2008). Isto faz da utilização efectiva

de prática baseada em evidências uma questão ainda mais pertinente.

Constatando esta problemática, Martindale et al. (2010) desenvolveram o “*Talent Development Environment Questionnaire for Sport*”, com o objectivo de simplificar a avaliação, divulgação e utilização de processos-chave que tenham sido identificados, através de pesquisa, como essenciais para a evolução de talentos.

Como o desafio desportivo, a nível da elite, se torna cada vez mais árduo, é fundamental maximizar a eficácia do desenvolvimento de talentos. Neste sentido, o questionário foi idealizado para facilitar o desenvolvimento de potenciais padrões desportivos de elite, e medir as experiências de atletas em desenvolvimento em relação as principais características (empiricamente identificadas) de contextos eficazes (Martindale et al., 2010).

Como forma de contextualizar o questionário surgiram, a partir da literatura, quatro áreas importantes que formaram as bases do seu desenvolvimento: objectivos e métodos a longo prazo, mensagens coerentes e de apoio, ênfase do insucesso no desenvolvimento inicial e desenvolvimento individualizado e contínuo (Martindale, Collins, & Daubney, 2005). Estas áreas surgiram a partir da consideração de uma vasta diversidade de literatura sobre o desenvolvimento de talento, e com o propósito de fornecer uma visão global sobre esta temática. O processo de desenvolvimento deste questionário revelou uma estrutura com sete factores: foco de desenvolvimento a longo prazo, preparação de qualidade, comunicação, compreender o atleta, rede de apoio, contexto desafiador e de apoio e fundamentos de desenvolvimento a longo prazo (Martindale et al., 2010).

Perante este contexto, o questionário tem potencial para contribuir na divulgação eficaz de conhecimento e auxiliar na avaliação e acompanhamento da aplicação, usando medidas de processos baseadas em evidências (Martindale et al., 2010).

O nosso estudo teve como objectivo comparar o contexto de desenvolvimento de talento entre equipas de um contexto superior e um contexto inferior no futebol, tendo em conta as respectivas percepções dos atletas relativamente aos factores do questionário.

Na consecução deste trabalho, para além de se proceder a revisão da literatura, de forma a conhecer os aspectos relacionados com a problemática em questão, foi aplicado um questionário a vários jogadores juniores de futebol, com vista a estabelecer uma relação entre o que a literatura preconiza e o que acontece na realidade.

Assim, o presente estudo será estruturado da seguinte maneira:

1. O primeiro capítulo, a introdução, tem como objectivos: apresentar e justificar a pertinência do estudo, delimitar o problema e definir os objectivos;
2. O segundo capítulo consiste numa revisão da literatura relacionada com o tema em apreço;
3. O terceiro capítulo é a descrição do material e da metodologia adoptada;
4. O quarto capítulo é a apresentação dos resultados;
5. No quinto capítulo é apresentada a discussão, onde se estabelece uma relação entre a literatura e o que os entrevistados pronunciaram;
6. No sexto capítulo, apresentam-se as conclusões;
7. No sétimo capítulo, são indexadas todas as referências bibliográficas mencionadas no texto dos pontos anteriores;
8. No oitavo capítulo, é anexada a carta de esclarecimento para o treinador.

Por último, referir que este estudo não tem como objectivo fazer uma avaliação sumativa dos contextos estudados, mas sim colaborar para uma melhor compreensão da temática dos contextos específicos de desenvolvimento de talento, o qual, até à data, tem sido pouco estudado na área do futebol português.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2. Revisão da literatura

O estudo de atletas com desempenhos de excelência tem sido um dos grandes temas da pesquisa desportiva ao longo da história. Esta investigação tem produzido enormes contribuições para este domínio, e as concepções sobre o que é necessário para ser um atleta de destaque têm mudado dramaticamente ao longo das últimas décadas (Barreiros, 2012).

Através destas pesquisas já foram exploradas as influências e características dos atletas que se desenvolveram e conseguiram atingir o nível mais alto do desporto internacional. No entanto, os objectivos e sistemas para melhorar e desenvolver as características dos contextos de desenvolvimento de talento são menos claros. A pesquisa sobre o treino tem-se focado na promoção da participação no desporto e, surpreendentemente, há pouca consideração sobre os contextos eficazes que conduzem o processo de desenvolvimento de talento (Dodge & Hastie, 1993).

É relevante lembrar que há mais factores envolvidos no desenvolvimento de talento do que apenas o processo directo de treino (Bloom, 1985; Côté, Murphy-Mills, & Abernethy, 2012; Gould et al., 2002; Henriksen, Stambulova, & Roessler, 2010). Devemos reconhecer e incorporar uma série de factores influentes, alguns dos quais são cruciais para influenciar directamente os jovens (por exemplo, os pais, amigos e pares), e outros que têm mais influência no processo geral (por exemplo, a nossa cultura e a política desportiva). No entanto, o contexto de desenvolvimento de talento é o factor mais consistente e controlável (de forma imediata) na vida de um atleta em evolução, e o seu papel importante e central, nos desempenhos de excelência, é reconhecido por instituições desportivas e governos (Abbott, Collins, Martindale, & Sowerby, 2002).

Neste sentido, o objectivo deste capítulo é apresentar uma síntese dos avanços mais significativos no que diz respeito aos contextos de desenvolvimento de talento. Com foco nas principais características genéricas de contextos eficazes, nas metodologias que têm surgido sobre esta temática e na relação entre o talento e o futebol.

2.1 Características genéricas de contextos de desenvolvimento de talento eficazes

2.1.1 Objectivos e métodos a longo prazo

Grande parte dos clubes tem visões de desenvolvimento de talento onde a prioridade é garantir que os seus atletas tenham um desenvolvimento que lhes permita chegar com êxito ao mais alto nível sénior. Este conceito está reflectido no estudo de Bloom (1985), fundamental para o desenvolvimento de talento, onde o desenvolvimento final e bem-sucedido, na sua área, não foi necessariamente acompanhado por uma performance de top a nível júnior. Por outras palavras, pode-se referir que, o desenvolvimento bem-sucedido de seniores de elite nem sempre é precedido de uma alta performance durante a formação. Especificamente a este respeito, o trabalho de Bloom (1985) apresentou um modelo com etapas de progressão, onde é referido que para os indivíduos se desenvolvam com êxito, é necessário alcançar certos níveis de habilidade, aprendizagem, atitude ou relacionamentos, mas não é necessário obter níveis evidentes de desempenho de sucesso em diferentes grupos etários.

Segundo Bloom (1985), ser bom numa fase de aprendizagem não é determinante para se ser bom numa fase posterior, embora ambas as fases estejam no mesmo campo de talento. Sem percorrer todas as etapas no processo de desenvolvimento de talento, é improvável que mesmo os melhores consigam alcançar os níveis elevados que foram relatados no estudo.

A baixa validade de predição dos padrões de desempenho na formação para o sucesso sénior é realçada pelas estatísticas do trabalho de Bloom (1985), onde menos de 10 por cento dos adultos de elite bem-sucedidos tiveram um nível de desempenho, durante a formação, suficiente para indicar que eles iriam conseguir aquilo alcançaram. Desta forma, é preferível considerar que se 90 por cento dos eventuais vinte e cinco melhores atletas do mundo não se destacaram em idades jovens, as hipóteses para identificar o futuro de outros jovens desportistas, unicamente através dos padrões de desempenho inicial, são relativas (Abbott et al., 2002). A necessidade (ou não) para apresentar um nível elevado em idades jovens é destacada, por exemplo,

pelo futebol em Inglaterra, onde apenas dois jogadores (Michael Owen e Terry Venables) representaram a selecção nacional em todas as faixas etárias, incluindo a nível sénior (Martindale, Collins & Abraham, 2007). Também num estudo realizado por Barreiros e Fonseca (2012), com jogadores de futebol em Portugal, podemos verificar que mais de 40 por cento dos atletas só começou a competir internacionalmente a partir dos 19 anos de idade. Desta forma, podemos constatar que o envolvimento precoce em eventos internacionais e a selecção de talentos durante a idade precoce não é um pré-requisito de sucesso, especialmente em desportos colectivos e masculinos (Barreiros & Fonseca, 2012). Assim, estas estatísticas questionam a adequação e a utilidade de se premiar o desenvolvimento explícito de grande sucesso durante a formação. Além disso, Helsen, Starkes e Van Wincel (1998) constataram que os jogadores internacionais de hóquei, em média, não alcançam o seu pico de forma antes dos trinta anos, destacando que não há pressa para produzir jovens estrelas. Na verdade, é reconhecido que a especialização precoce e a ênfase vencedora em todos os grupos etários estão associadas ao abandono escolar precoce e ao talento desperdiçado na maioria dos desportos onde a performance máxima é atingida numa fase mais avançada da carreira (Abbott et al., 2002; Barreiros, Côté & Fonseca, 2013).

Desta forma, é evidente a necessidade de encarar o desenvolvimento do talento através de uma perspectiva a longo prazo (Bloom, 1985; Ericsson et al., 1993; Starkes et al, 1996), mas o que parece ser menos claro é a natureza deste foco ao longo do desenvolvimento. Como tal, um projecto de longo prazo requer uma coordenação eficaz, e a sua operacionalização deve dirigir e integrar uma grande variedade de factores importantes, para garantir que os processos são eficazes e ajudam os jovens a atingir todo o seu potencial. Através deste sistema é possível conduzir coerentemente os objectivos e práticas de identificação e desenvolvimento de talento, o processo de financiamento do treino, os recursos, a avaliação, a recompensa do treinador, a competição e a estrutura do clube (Martindale et al., 2007). Este processo complexo exige um planeamento sistemático e uma implementação em várias áreas. Na verdade, o desenvolvimento dentro de contextos complexos

beneficia muito com experiências deliberadas sistemáticas (Abbott et al., 2002).

Uma reflexão sistemática de exigências a longo prazo é crucial. Por exemplo, Côté e Hay (2002) sugeriram que a participação em actividades lúdicas e variadas, sem o domínio de actividades específicas são valiosas em estágios iniciais de desenvolvimento e especialização tardia, e também parece ser um importante preditor da qualidade de desenvolvimento de habilidades numa fase posterior. Além disso, devemos reconhecer que o desenvolvimento a longo prazo incorpora muito mais questões além da capacidade de aprender a executar com sucesso (Martindale et al., 2007). Por exemplo, as questões de motivação e compromisso a longo prazo, percepção de competência (Sternberg, 2000), a importância da capacidade cognitiva e das habilidades motoras (Beamer et al., 1999) e acesso as oportunidades necessárias (Bloom 1985) são cruciais. Em conclusão, o processo de desenvolvimento a longo prazo deve ser conduzido de forma sistemática. Por uma variedade de razões, parece fácil ignorar as evidências que surgem a partir da pesquisa sobre os atletas e ao nível do sistema de formação. Por exemplo, a especialização precoce é uma prática comum e que se pode desenvolver rapidamente, mas a formação a longo prazo é algo que demora mais tempo a dar resultados e isto dificulta a sua aplicação (Martindale et al., 2007).

O desenvolvimento de comportamentos e atitudes adequadas é importante e um aspecto relevante deste processo envolve o estabelecimento de uma cultura apropriada, a fim de construir um contexto de auto-reforço coerente (Abbott et al., 2002). A literatura mostra que isso pode ser alcançado através do desenvolvimento de identidade comum e compromisso, que orienta metas individuais e de grupo, reflecte uma conduta adequada e padrões de desempenho, e é reforçado por meio de sistemas de recompensa consistentes (Ashforth & Mael, 1996). Esse desenvolvimento também promove uma estabilidade do sistema social que encoraja um contexto positivo e de reforço, e ajuda a promover a compreensão, a motivação, as metas de longo prazo, e as ligações. É claro que as influências implícitas também desempenham um papel importante na formação das expectativas (Abbott et al., 2002). As influências implícitas têm um forte impacto em todo o processo de

desenvolvimento de talento, por isso devemos ter atenção à forma como são reforçadas e promovidas (Martindale et al., 2007). Desta forma, podemos considerar o reforço explícito e implícito nos sistemas que o tornam uma necessidade (e, portanto, um foco de pressão para todos os envolvidos) para jovens atletas em desenvolvimento chegarem a certos padrões de desempenho, a fim de ganhar oportunidades de serem seleccionados ou de financiamento (Wang, Sproule, McNeill, Martindale & Lee, 2011). Como já foi indicado, as consequências de tal sistema incluem uma alta probabilidade de que muitos jovens com futuro potencial se percam devido à insistência de fornecer formação especializada selectiva e oportunidades em idades precoces apenas aqueles que são bons executantes. Há evidências que sugerem que pode ser muito difícil acertar na escolha numa selecção inicial, e isto pode ter como consequência a redução do talento de base e da qualidade no topo (Abbott & Collins, 2004). Uma potencial confusão relaciona-se com os benefícios da maturidade física para a performance em idades jovens em certos desportos (onde há um foco no desempenho). Esta política de selecção só oferece oportunidades a um determinado grupo de jovens, nomeadamente aos mais velhos do grupo (Baxter-Jones & Helms, 1996; Richardson & Stratton, 1999). Esta selecção inicial pode resultar num processo de selecção auto-realizável, treino, aperfeiçoamento e selecção daqueles inicialmente envolvidos. Na verdade, Ward e Williams (2003) concluíram que os níveis mais altos de desempenho dos jogadores de futebol de elite jovens são susceptíveis de serem o resultado das duzentas horas de treino especializado que tenham recebido em oposição a qualquer superioridade genética. Além disso, Abbott et al. (2002) referem que a selecção através de resultados e a exclusiva progressão daqueles que se destacam parece influenciar significativamente a proporção de jogadores mais velhos que são seleccionados a nível sénior (Barnsley, Thompson & Legault, 1992), e, além disso, muitos dos que nasceram no final do ano de selecção tendem a abandonar mais cedo (Helsen et al., 1998). Auto sistemas de selecção impostos podem ser fontes importantes de percepção de competência para os jovens, bem como a oportunidade de desenvolvimento que é um factor conhecido por ser

extremamente importante para a progressão (Abbott et al., 2002).

A selecção precoce, com base apenas no desempenho, leva a que muitos atletas com potencial não consigam as oportunidades necessárias. E o ser seleccionado precocemente também pode ser uma desvantagem, porque embora alguns atletas possam ser os melhores numa fase inicial, também podem ser propensos ao abandono prematuro devido à pressão inerente à competição (Moore et al., 1998). Além disso, os seleccionados podem perder experiências de desenvolvimento cruciais (a longo prazo) (Côté & Hay, 2002), focando-se muito no desempenho em oposição à aprendizagem (Ericsson, 1998). Assim, muitos daqueles que conquistam resultados durante a formação podem acabar mal preparados para dar o passo importante para o nível superior e não conseguem fazer essa transição (Moore et al., 1998; Stafford, 2005).

Quando consideramos a contradição entre o conselho que emana da literatura e os muitos sistemas actualmente em vigor, parece evidente que muito mais precisa de ser feito para operacionalizar o objectivo a longo prazo de forma explícita (Abbott & Collins, 2004). Sistemas de selecção e oportunidades de financiamento com base em critérios de desempenho inicial prejudicam gravemente os objectivos e expectativas dos planos de desenvolvimento a longo prazo. Por exemplo, muitas das expectativas dos treinadores são moldadas por recompensas para a produção de vitórias sobre outras equipas, em que a política de selecção será influenciada pelo grau em que os jovens podem ajudar a equipa a ganhar nessa altura, em vez de fornecer uma boa experiência de desenvolvimento àqueles com potencial a longo prazo (Martindale et al., 2007). Naturalmente, os critérios de selecção para o financiamento também têm preocupações semelhantes. Por outras palavras, as políticas de selecção, os programas de desenvolvimento e as políticas de financiamento podem prejudicar a evolução a longo prazo. Em conclusão, estas situações, muito comuns, destacam a necessidade de se dar prioridade aos objectivos e métodos de longo prazo, através de uma multiplicidade de contextos ao longo do desenvolvimento desportivo (Abbott et al., 2002).

2.1.2 Mensagens coerentes e de apoio

Existe um grande número de factores que influenciam o desenvolvimento da vida pessoal e desportiva dos jovens, incluindo os objectivos e práticas de identificação e desenvolvimento de talento, processo de treino, financiamento, recursos, avaliação e recompensa do treinador, a concorrência e a estrutura do clube (Abbott & Collins, 2004). De facto, pesquisas sobre o desenvolvimento de campeões olímpicos mostraram uma grande variedade de influências, individuais e institucionais, a longo prazo que podem influenciar significativamente o desenvolvimento, podendo chegar muito além do contexto desportivo (Gould et al., 2002). Csikszentmihalyi et al. (1993) concluíram que para o desenvolvimento ser eficaz, o talento deve ser valorizado pela sociedade, e reconhecido e alimentado por pais, treinadores e professores.

Com as diversas influências que existem na vida dos atletas, é muito importante entender os efeitos das mensagens coerentes. As evidências da gestão de comportamento mostram claramente os efeitos positivos sobre o comportamento das pessoas quando os objectivos são claros e apresentados em conjunto com uma recompensa igualmente clara e inequívoca e com contingências de reforço (Siedentop, 1978), particularmente em contextos onde existe a preocupação de compreender o impacto da motivação no desempenho do atleta (Abbott & Collins, 2004). Mesmo a nível de elite, alguns factores-chave associados com o compromisso de formação, tais como a auto-motivação, reforço, auto-controlo, expectativas de resultado e normas de grupo, podem ser directamente influenciados por fontes externas (Palmer et al., 1999).

A relevância de desenvolver sistemas coerentes é exemplificada através da pesquisa que mostra que, mesmo com preocupações a longo prazo, se a avaliação e as recompensas não são compatíveis com os objectivos da aprendizagem, os atletas vão buscar o que eles consideram ser importante (Abbott & Collins, 2004). Especialmente com indivíduos mais jovens e menos informados, estas são muitas vezes as escolhas que oferecem gratificação imediata, e que podem ser contra produtivas para o desenvolvimento a longo prazo. Outros factores que influenciam os padrões de aprendizagem adoptados

incluem as emoções, desempenho escolar e envolvimento parental (Abbott & Collins, 2004). Uma vez mais, a mensagem é clara, é fundamental para as políticas de desenvolvimento encorajar as filosofias, objectivos e métodos coerentes dentro e fora dos contextos de desenvolvimento eficazes, destacando a necessidade de considerar uma série de factores (Wang et al., 2011). Os treinadores também devem ser incentivados a desenvolver atletas para o sucesso a longo prazo através de um sistema coerente, onde o reforço seja claro e consistente. Por exemplo, seria contra produtivo fornecer financiamento e reconhecimento àqueles que geram as equipas vencedoras, sem preocupações de desenvolvimento a longo prazo. Para acontecer uma verdadeira mudança (para melhor) nas preocupações da formação, as influências dos treinadores e dos contextos eficazes devem ser consideradas como fundamentais (Martindale et al., 2007).

Os treinadores são influentes, especialmente quando a abordagem desportiva se torna mais séria (Bloom, 1985; Gould et al., 2002). No entanto, eles não são os únicos a influenciar os jovens talentos, a família (Bloom, 1985; Brustad, 1993) e a vida escolar (Csikszentmihalyi et al., 1993; Durand-Bush & Salmela, 2002) também são muito importantes. A combinação de preparação sem pressão, desafio e apoio ajuda a promover certas habilidades e atitudes que dão frutos a longo prazo (Côté, 1999; Csikszentmihalyi et al., 1993; Gould et al., 2002), e o suporte financeiro, a prática necessária e o desenvolvimento de uma variedade de redes de suporte são fundamentais para um desenvolvimento harmonioso (Bloom, 1985). Na verdade, Gould et al. (2002) mostraram que os indivíduos-chave, na rede de socialização dos atletas, necessitam ser sistematicamente educados e participar de forma adequada para promover características desejáveis.

A literatura destaca os efeitos do modelo de observação sobre o comportamento e as atitudes das pessoas, sendo o raciocínio moral um destes efeitos (Bandura & McDonald, 1963). É claro que qualquer pessoa influente pode ter um grande impacto sobre as crenças e atitudes de uma criança (Bloom, 1985; Brustad, 1993). Se for o caso, as influências positivas podem dar bons resultados no desenvolvimento de talento a longo prazo (Côté, 1999;

Csikszentmihalyi et al., 1993; Gould et al., 2002). Naturalmente, pessoas diferentes em momentos diferentes podem ser mais, ou igualmente, influentes como os outros. Isto inclui uma variedade de indivíduos: treinadores, professores, pares e adultos bem-sucedidos (Côté, 1999; Csikszentmihalyi et al., 1993; Durand-Bush & Salmela, 2002; Gould et al., 2002). Por isso, é necessária a utilização de uma variedade de modelos de referência para maximizar o impacto sobre o desenvolvimento e as escolhas de qualquer jovem.

As sessões educativas são um procedimento óbvio para formar os indivíduos que têm uma influência importante na formação dos atletas, mas envolver os pais mais directamente, nesse processo, também pode ser a chave para o sucesso. As referências sugerem que, mesmo a nível de elite, um maior interesse e incentivo dado pelos pais faz com que os jovens mais propensos fiquem mais envolvidos (Weiss & Hayashi, 1995). Um bom exemplo de que este suporte pode ser muito importante é o facto de se ter verificado que em Inglaterra cerca de 40 por cento dos atletas de elite com menos de vinte e cinco anos ainda eram financeiramente dependentes dos pais (Moore et al., 1998). Os efeitos recíprocos da socialização e envolvimento desportivo (Weiss & Hayashi, 1995) também podem ser úteis para a promoção de redes de apoio extremamente eficazes, especialmente se os pais oferecem oportunidades adequadas e contribuem de forma positiva. Além disso, devem existir padrões de comunicação eficazes, não só entre pais e treinadores, mas também com as escolas, e as outras partes importantes envolvidas. Na verdade, é através desta comunicação que vários problemas ou conflitos, do interesse do atleta e não daqueles com mais poder, podem ser resolvidos (Wang et al., 2011). A psicologia organizacional destaca que as organizações eficazes promovem expectativas claras e sistemas de comunicação abertos para evitar eventuais conflitos que possam aparecer (Bemowski, 1996).

A literatura salienta a natureza específica do contexto de desenvolvimento de talento, onde as etapas são menos claras, e as transições são mais cruciais (Moore et al., 1998). Ou seja, os períodos de transição são fundamentais para se alcançar o sucesso no futuro (Sinclair & Orlick, 1993;

Durand-Bush & Salmela, 2002). A variedade de apoio disponível e de habilidades mentais utilizadas por um indivíduo determina como pode ser benéfica uma transição, e como esta pode ser a chave para o desenvolvimento bem-sucedido (Sinclair & Orlick, 1993; Abbott et al., 2002). A pesquisa também destaca a necessidade de se investigar e reconhecer a natureza dos períodos específicos do desporto e criar uma variedade de redes de apoio a longo prazo, como forma de aumentar o número de atletas bem-sucedidos (Rowley, 1992; Moore et al., 1998). Uma grande variedade de apoio formal e informal, e diversas redes de apoio específicas são cruciais para a evolução dos atletas jovens. (Moore et al., 1998).

2.1.3 Ênfase do insucesso no desenvolvimento inicial

As características da evolução de atletas de elite com sucesso destacam a necessidade de se ter uma visão a longo prazo para se conseguir identificar e desenvolver talentos (Martindale et al., 2007). Por exemplo, as características de desempenho eficaz são muito diferentes dos factores associados com o potencial necessário para se atingir um desenvolvimento bem-sucedido (Bloom, 1985; Abbott & Collins, 2002; Abbott et al., 2002). Portanto, aquilo que se tenta identificar e promover através do desenvolvimento focado no treino tem que ser baseado em um conceito de talento, definido como o potencial e não como a capacidade de desempenho actual (Wang et al., 2011). Infelizmente, a maioria da identificação de talento e programas de desenvolvimento ainda parecem utilizar as medidas de desempenho como um dos principais indicadores de talento, uma abordagem que já mostrou ser altamente problemática e um grande obstáculo ao desenvolvimento (Abbott & Collins, 2002; Abbott et al., 2002). Para salientar ainda mais esta ideia, até mesmo os adultos extremamente talentosos raramente começam como crianças muito capazes (Bloom, 1985), e os que eventualmente se tornam artistas especializados não começam com um nível já excepcional de performance em comparação com os seus pares, isto quando os benefícios de um envolvimento precoce em outras actividades relacionadas são considerados (Ericsson, 2003). Na literatura é referido que tanto a genética como o contexto desempenham um papel

importante no desenvolvimento (Davids & Baker, 2007), e há uma quantidade considerável de pesquisa que destaca que as competências e habilidades associadas com o desempenho de alto nível são melhoradas e desenvolvidas através do treino (Ericsson & Lehmann, 1996; Helsen et al., 1998; Starkes, 2000). Por exemplo, Ward e Williams (2003) concluíram que os futebolistas jovens de elite tinham melhores habilidades devido às oportunidades que lhes foram proporcionadas, ao invés de qualquer vantagem genética. Tal treino precoce pode “ocultar” aqueles com verdadeiro potencial, especialmente se existem grandes discrepâncias entre as oportunidades oferecidas as crianças em idades precoces (Martindale et al., 2007).

Além disso, devido à grande quantidade de modificação e progresso feito ao longo de uma carreira, a excelência muitas vezes não é aparente até mais tarde, o que complica a identificação de talento em estágios de desenvolvimento (Bloom, 1985; Simonton, 1999). De facto, certas habilidades e conhecimentos importantes para o sucesso do desempenho no futuro, embora possam ser treinados e aperfeiçoados em idades precoces, só se desenvolvem totalmente ou são explicitamente aparentes numa fase posterior da carreira desportiva (Tenebaum, et al., 2000). Por exemplo, as habilidades importantes de memória podem levar até 10 anos para se desenvolverem plenamente, e raramente aparecem antes dos 16 anos (French & Mcpherson, 1999). Como tal, o treino que beneficia a preparação a longo prazo pode não ser tão potencialmente eficaz na produção de vitórias a curto prazo (Côté & Hay, 2002), por isso deve-se avaliar com cuidado o foco de prioridades dos responsáveis pela formação.

A literatura lembra ainda que as determinantes do desempenho não devem caracterizar, de forma continua, o sucesso através dos grupos etários (Abbott & Easson, 2002). Por outras palavras, a capacidade que é identificada ou promovida a fim de alcançar sucesso a curto prazo pode ser redundante um ano mais tarde. Por exemplo, a maturidade física pode ser a chave para o sucesso no rugby aos doze anos, mas como os factores biológicos (e.g., estatura e força) se equilibram quando os atletas são mais velhos, os factores mentais (como a tomada de decisão e antecipação) tornam-se mais

importantes para o sucesso (Abbott & Easson, 2002). É claro que certas habilidades perceptivas e cognitivas são importantes para o desempenho dos atletas em cada uma das faixas etárias (Ward & Williams, 2003), de modo que seria apropriado identificar o que é fundamental em cada momento da formação, e assim desenvolver com sucesso o maior número possível de jovens.

Parece claro que, para os jovens conseguirem alcançar todo o potencial a longo prazo, os programas de desenvolvimento devem concentrar-se nas habilidades que serão eficazes em fases posteriores, juntamente com os hábitos que aumentam a capacidade de um jovem se desenvolver, aprender e progredir com sucesso para o futuro (Wang et al., 2011). Assim, estes programas devem enfatizar a identificação, o desenvolvimento e a selecção adequada e sem pressão, evitando erros comuns, tais como a ênfase de factores associados unicamente ao sucesso em idades específicas (Abbott et al., 2002). Desta forma, o sucesso precoce não deve conduzir os objectivos da formação, mas ele pode acontecer (afinal alguém tem que ganhar). No entanto, a mensagem-chave é que nos requisitos e prioridades de identificação e desenvolvimento, a performance tem que ser separada do potencial, e é imperativo que a compreensão (em cada momento específico da formação) das funções e das expectativas seja clara e inequívoca, para proporcionar um desenvolvimento coerente e a longo prazo (Martindale et al., 2007).

É útil usar abordagens que contemplem os estágios de desenvolvimento do talento, até porque no sistema escolar e no desporto existem estágios progressivos e relacionados. Além disso, a pesquisa produziu um modelo de estágios complementares (Bloom, 1985; Ericsson et al., 1993; Van Rossum, 2001; Durand-Bush e Salmela, 2002) e as lacunas geraram modelos mais práticos (Stafford, 2005), os quais podem ajudar na procura de soluções práticas e eficazes. É importante ter uma boa compreensão e definição do que é necessário nas diferentes fases do desenvolvimento, sendo que a literatura destaca o processo de desenvolvimento dinâmico (Bloom, 1985; Abbot et al., 2005; Simonton, 1999) e, por conseguinte, o atleta deve ter a oportunidade de progredir sem estar “preso” a fases pré-definidas (Moore et al., 1998). Os

modelos gerais podem ajudar a organizar os programas e ajudar a entender qual a prioridade em qualquer momento particular do desenvolvimento do atleta, mas os pacotes prescritivos e planos devem ser evitados (Abbott & Collins, 2004). Por isso, os treinadores, antes de desenvolverem os seus programas de treino, devem identificar e compreender as prioridades que existem em cada momento do processo de formação (Martindale et al., 2007).

As habilidades mentais não se limitam à fixação de metas ou à concentração, o termo também inclui atitudes, emoções, motivações e desejos. Estas habilidades mentais são cruciais tanto para a participação como para a procura de excelência no desporto (Wang et al., 2011). Está bem documentado que, sem se desenvolver uma forte ligação emocional e prazer intrínseco de participação numa determinada actividade, não se consegue atingir um nível elevado (Bloom, 1985). Esta é, talvez, uma das razões que explica o porquê dos especialistas terem uma maior tendência para se envolverem com o jogo deliberado, entre os sete e doze anos de idade, em comparação com os não especialistas (Côté, 1999; Côté e Hay, 2002). Por isso, é importante que nos estágios iniciais de desenvolvimento se criem contextos de diversão e não de pressão. E os pais, professores e treinadores, entre outros, têm uma forte influência na criação destes contextos apropriados (Abbott et al., 2002; Barreiros, Côté & Fonseca, 2013).

Além de desenvolver (muitas vezes em estágios iniciais) um forte desejo e apego positivo que permite dar continuidade a prática desportiva, as habilidades mentais permitem que o atleta possa adquirir e consolidar as competências essenciais para se transformar num talento (Sternberg, 2000; Abbott et al., 2002). Além disso, o jovem atleta deve estar motivado para encarar as muitas horas de prática deliberada necessárias para se destacar em qualquer modalidade (Bloom, 1985; Ericsson et al., 1993) e ser capaz de manter o progresso quando os tempos são difíceis (Bloom, 1985; Barreiros, 2012; Sinclair & Orlick, 1993). Curiosamente, muitos estudos têm mostrado que apenas os factores psicológicos podem distinguir os níveis de desempenho (Talbot-Honeck & Orlick, 1998), e influenciar a continuidade num nível de elite (Kreiner-Phillips & Orlick, 1993). Esta ampla pesquisa destaca a importância

das habilidades psicológicas como influências que promovem o sucesso, e apoia a necessidade de se integrar, sistematicamente, tais aptidões em todos os contextos de desenvolvimento de talento em idades precoces (Abbott et al., 2002).

O vasto alcance dessas habilidades está relacionado ao desempenho, gestão de estilo de vida, aprendizagem e desenvolvimento. Embora, um conjunto definitivo de capacidades mentais ainda tenha que ser aprovado, é possível produzir, a partir do estudo consistente de diversos campos, aptidões semelhantes (Bloom, 1985; Gould et al., 2002). Fundamentalmente, essas habilidades mentais e atitudes podem ser desenvolvidas de forma sistemática, e não são apenas qualidades inatas, em que certos comportamentos-chave ou traços são sustentados por habilidades ensináveis (Wang et al., 2011). Por exemplo, aprender a ser autónomo é um aspecto importante do desenvolvimento bem-sucedido, e é sustentado por estratégias tais como a adopção de uma visão metacognitiva, planificação, monitorização, auto-avaliação e uma mistura de atitudes, como a persistência, curiosidade e confiança (Freeman, 1995). De facto, todas estas habilidades mentais ajudam a caracterizar alguém com potencial e, portanto, ajudam no processo de identificação e desenvolvimento de talento (Abbott & Collins, 2004).

Num contexto de desporto específico, um conjunto vasto de movimentos fundamentais e uma boa capacidade de decisão também caracterizam as crianças com potencial. Por isso, deve-se apoiar o desenvolvimento das habilidades necessárias para um desempenho de sucesso no futuro e um envolvimento em actividades mais especializadas (Jess & Collins, 2003; Beamer et al., 1999). Como já foi referido anteriormente, estes princípios não são qualidades inatas e precisam ser desenvolvidas sistematicamente (Abbott & Collins, 2004). A não ser que uma criança tenha desenvolvido as competências genéricas fundamentais com onze ou doze anos de idade, o sucesso futuro no desporto específico pode estar comprometido (Moore et al., 1998). Além disso, demonstrou-se que um grande grupo de atletas pré-elite consegue alcançar um nível de elite num desporto diferente. Assim sendo podemos concluir que, mesmo no caso do desporto de elite, é importante

desenvolver, como base fundamental, uma grande variedade de aptidões genéricas (Abbott et al., 2002). De acordo com este argumento, vários estudos mostram que a participação desportiva diversificada, antes da adolescência, é muito importante para o desenvolvimento de atletas de elite (Hill, 1993; Côté & Hay, 2002), funcionando como uma base de habilidades mentais e físicas (Ericsson, 1998; Beamer et al., 1999). Isto destaca a vantagem e a necessidade de se desenvolver uma base sólida em habilidades fundamentais (cognitivas e físicas), com o intuito do atleta ter sucesso num domínio específico (Abbott et al., 2002). E no que diz respeito aos padrões de treino, para a maioria dos desportos os resultados parecem ser mais positivos quando as crianças são introduzidas através de contextos menos estruturados, que promovem actividades lúdicas e experiências em várias modalidades (Barreiros, Côté & Fonseca, 2013).

Os factores que são relevantes para as fases posteriores são uma preocupação do desporto específico. Perceber o contexto sénior e prever as suas tendências é muito importante para entender o que pode ser mais útil no desenvolvimento na formação (Martindale et al., 2007). Embora, possa ser fácil identificar os hábitos eficazes, desenvolver um bom processo de ensino pode demorar algum tempo, especialmente onde os maus hábitos, como o excesso de dribles ou a força bruta, muitas vezes são recompensados com o sucesso em idades mais jovens. No entanto, esses maus hábitos vão perder a sua eficácia nos níveis mais elevados, quando outras habilidades, como a tomada de decisão sobre pressão e o passe, se tornem fundamentais (Abbott et al., 2002). Infelizmente, muitos jovens jogadores, que tinham sucesso na formação, quando chegam a seniores desmotivam por causa da queda abrupta de rendimento (Abbott & Collins, 2004).

A literatura destaca que seria sensato incorporar uma ampla variedade de habilidades cognitivas, perceptivas e motoras nos programas de formação (Janelle & Hillman, 2003), sendo que os factores transmitidos durante a formação são fundamentais para se conseguir distinguir quais são os melhores desempenhos no escalão sénior (Helsen & Starkes, 1999; Simonton, 1999; Ward & Williams, 2003; Starkes & Ericsson, 2003; Williams & Hodges, 2004).

Por exemplo, apenas uma integração de factores antropométricos, físicos, psicológicos e específicos do desporto permite distinguir futebolistas seniores de elite (Reilly et al., 2000). Por isso, é extremamente importante que as habilidades sejam desenvolvidas de forma interdisciplinar e integrada, e assim sejam verdadeiramente úteis e transferíveis (Burwitz et al., 1994).

A ideia de equilíbrio é desenvolvida a partir da relação harmoniosa entre as competências específicas e a profundidade e amplitude das habilidades físicas e mentais, e a capacidade de organizar e equilibrar o estilo de vida também é muito importante (Wang et al., 2011). Como tal, ter a capacidade de equilibrar as pressões que surgem com o dia-a-dia do atleta é importante para evitar lesões, manter a motivação e ter um bom desempenho (Salmela & Moraes, 2003). Assim, a planificação da carreira e do futuro deve desempenhar um papel contínuo na preparação do atleta (Abbott et al., 2002).

Dentro da fase de evolução, os contextos eficazes têm sido apresentados para exigir uma cultura de respeito, disciplina, independência e sacrifício, onde o ensino e a aprendizagem se baseiam em torno da aquisição sistemática de competências através de muitas horas de prática, onde altos níveis de motivação intrínseca e compromisso são obrigatórios (Bloom, 1985). Ou seja, ao atleta é exigido uma crescente responsabilidade e autonomia (Bloom, 1985; Csikszentmihalyi et al., 1993).

A relevância do desenvolvimento a longo prazo é registada através de uma grande variedade de literatura pertinente, a qual inclui a aprendizagem motora e cognitiva e abordagens de professores e estudantes, onde as grandes diferenças entre o desenvolvimento a longo e curto prazo são explícitas (Schmidt & Wrisberg, 2000; Abbott & Collins, 2004). O desenvolvimento a longo prazo requer uma base de conhecimentos específicos adquiridos através de muitas horas de treino (Wang et al., 2011), o desenvolvimento da autonomia (Knowles et al., 1998), a determinação de objectivos a longo prazo e a utilização de uma variedade de habilidades mentais (Abbott & Collins, 2004).

A motivação é essencial para o desenvolvimento bem-sucedido em qualquer área do desporto (e não só), sem ela não há aprendizagem,

desenvolvimento ou sucesso (Wang et al., 2011). Na verdade, a maioria dos atletas não especialistas não consegue melhorar o seu desempenho só porque pensam que já chegaram a um nível aceitável (Ericsson, 2003). Embora existam diferentes exigências motivacionais nos vários estágios de desenvolvimento, os factores como a motivação intrínseca e a autodeterminação são fundamentais em todos os momentos da carreira do atleta (Bloom, 1985; Van Rossum, 2001). Nas fases iniciais da formação, esses factores ocorrem através de uma variedade de comportamentos (por exemplo, a necessidade do atleta se sentir digno e competente) e, embora a maioria das crianças abandona o desporto por causa de outros interesses, existem outras crianças que abandonam por causa das suas necessidades não serem atendidas, da falta de divertimento, do excesso de pressão ou da antipatia do treinador (Martindale et al., 2007). Nos níveis de pré-elite e elite (nas fases dois e três do modelo de Bloom) a motivação intrínseca e a autodeterminação surgem para atender os requisitos da definição de realização (Bloom, 1985). Embora se reconheça que estas formas de motivação são intrínsecas, o contexto pode ter um grande impacto sobre os jovens e, portanto, deve promover esses factores, criando o clima motivacional certo. Por exemplo, fornecer oportunidades para que os atletas sejam responsáveis pela sua evolução origina um desenvolvimento eficaz da motivação intrínseca (Hardy et al., 2000). Assim, deve-se reconhecer que as capacidades mentais, para serem eficazes, têm que ser integradas de forma coerente com os outros factores que influenciam o desenvolvimento de talento, e as relações que existem entre as variáveis como a percepção de competência, a definição de metas, as recompensas pelos resultados e as reacções emocionais de auto-eficácia e motivação são muito importantes (Hardy et al., 2000).

2.1.4 Desenvolvimento individualizado e contínuo

As políticas de identificação e desenvolvimento de talento não devem dar ênfase às vitórias em idades jovens, porque é muito difícil prever o nível máximo que alguém pode alcançar (Abbott & Collins, 2004). Através da referida importância que é conotada às habilidades físicas e mentais, torna-se óbvio

que estas precisam ser sistematicamente desenvolvidas nas crianças, e se possível a partir de uma idade precoce (Abbott et al., 2002). Para isto, as oportunidades que devem ser oferecidas a todos os atletas para se desenvolverem de forma harmoniosa, proporcionando uma base de educação física e mental de qualidade, poderiam ser iniciadas com sucesso através do sistema escolar, complementadas por desporto coerente e iniciativas de saúde (Abbott & Collins, 2004). Isto poderia fornecer a coerência e consistência necessária para desenvolver uma boa cultura de actividade física e, consequentemente, criar talentos (Ackland & Bloomfield, 1996).

As características genéricas de contextos de desenvolvimento de talento eficazes apresentadas anteriormente também salientam a probabilidade de existirem variações de desempenho e de desenvolvimento físico ao longo da evolução do atleta. De facto, a literatura mostra a natureza instável dos factores antropométricos como a altura (Abbott & Collins, 2002) e os padrões gerais de crescimento, especialmente ao longo da adolescência (Ackland & Bloomfield, 1996). Sendo que, a identificação de alguma característica positiva num pré-adolescente não garante que essa característica permanecerá durante todo o processo de maturação até se transformar em adulto (Ackland & Bloomfield, 1996). Da mesma forma, os factores de desempenho também são instáveis, devido a influências como a maturação e os efeitos do treino (Abbott & Collins, 2002; Ward & Williams, 2003).

Além disso, Simonton (1999) salienta o talento como multidimensional, em que um certo número de factores pode contribuir para a existência de talento dentro de qualquer domínio. O desenvolvimento do talento é dinâmico e ao longo do tempo (na infância, na adolescência e mesmo na idade adulta) os seus componentes latentes passam por várias transformações (Simonton, 1999). Por outras palavras, o talento irá desenvolver-se e mudar ao longo do tempo, sendo influenciado por determinados factores ambientais e inatos. As implicações deste processo dinâmico devem ser suficientemente flexíveis para permitirem estas variações. Por exemplo, a estrutura de um clube poderia fornecer uma ampla gama de oportunidades aos juniores e seniores, dentro da qual se podem contemplar diferentes padrões. Isto permitiria um

desenvolvimento sem a perda completa de recursos e oportunidades (Abbott et al., 2002). A educação do treinador através de uma filosofia coerente poderia minimizar, ainda mais, esta perda. Se os jogadores em evidência durante a formação forem destacados até as idades mais avançadas, as oportunidades para se criarem talentos aumentariam e isso permitiria que o sistema de identificação de talentos ocorresse, ao longo do tempo, através do tipo de jogo do clube (Martindale et al., 2007).

É claro que o desenvolvimento é extremamente individualizado, e para a prática ser eficaz os indivíduos devem ser tratados como tal. Já foi demonstrado que as transições são a chave para o futuro do desenvolvimento, e durante estes períodos sensíveis os jovens atletas podem estar mais vulneráveis para desistirem do desporto ou para um abandono precoce (Rowley, 1992). Na verdade, a variedade de apoio disponível e o conjunto de capacidades mentais utilizado por um indivíduo pode determinar como uma transição pode ser benéfica, de facto alguns atributos e capacidades diferentes ou adicionais podem ser necessárias. Isto poderia ser a chave para a progressão bem-sucedida (Sinclair & Orlick, 1993; Abbott et al., 2002). No entanto, essa necessidade de habilidades mentais é preocupante quando se considera o grande número de períodos problemáticos (Rowley, 1992), juntamente com a falta de interesse na psicologia do desporto (Moore et al., 1998). A pesquisa destaca a necessidade de se identificar e compreender a natureza dos problemas específicos do desporto, e criar uma variedade de redes de apoio, educação e formação a longo prazo como forma dos atletas serem bem-sucedidos, e enquanto muitas questões podem ser genéricas e tratadas em larga escala, outras circunstâncias individuais precisam ser enfrentados nessa base (Rowley, 1992; Moore et al., 1998).

Devido à natureza particularizada e dinâmica do desenvolvimento, é imperativo que os jovens sejam tratados como individualidades, e as suas necessidades sejam satisfeitas, individualmente, o mais rápido possível. A eficácia desse tipo de ensino e abordagens educacionais estão bem documentadas (Abbott et al., 2002). Os contextos de treino talvez oferecem mais oportunidades para a individualização, especialmente numa configuração

profissional. Alguns trabalhos recentes mostraram a importância da atenção individual ao eventual desenvolvimento de talento de alto nível (Bloom, 1985; Csikszentmihalyi et al., 1993; Gould et al., 2002). O estabelecimento regular de metas e os sistemas de revisão, em conjunto com as oportunidades formais e informais de comunicação, são um método para garantir o contacto individual. Além disso, a natureza individualizada das intervenções de mudança de comportamento suporta a importância da prática individualizada, especialmente quando combinada com estratégias de reforço contingente (Siedentop, 1978).

2.2 O contexto de desenvolvimento... uma outra forma de analisar o talento

Actualmente existe um grande interesse no melhoramento do caminho a percorrer para alcançar o talento desportivo (Barreiros, 2012). Talvez o caminho mais simples seja através da identificação, gastando tempo, testando e procurando o talento especial. No entanto, a pesquisa nos últimos anos sugere que esta não é a metodologia mais produtiva, sustentável ou até mesmo ética, particularmente em idades mais jovens (Abbott et al., 2002). Como alternativa, os investigadores começaram a enfatizar o desenvolvimento, em vez da identificação de talento. Esta é uma abordagem sensata, porque o contexto e a forma em que ele molda e apoia o desenvolvimento de talento são essenciais para o sucesso (Bloom, 1985; Côté, 1999; Durand-Bush & Salmela, 2002; Martindale et al., 2007).

2.2.1 A importância de compreender o processo de desenvolvimento do talento

Compreender processos eficazes é particularmente importante no contexto do desenvolvimento de talento, pois pode ser um investimento de longo prazo. Do início ao fim, um sistema bem-sucedido pode levar vários anos para produzir vencedores a nível de elite. Por exemplo, a teoria da prática deliberada afirma que para se alcançar a excelência são necessárias, pelo menos, dez mil horas de prática deliberada (Ericsson et al., 1993). Assim, a avaliação e promoção de boas práticas baseadas unicamente no resultado

fornece informações insuficientes sobre as razões para o sucesso ou, ainda mais importante, sobre o que poderia ser melhorado (Abbott & Collins, 2004). Como tal, não há evidências que comprovem que os pequenos ajustes ou as decisões sobre a distribuição de recursos e esforços são monitorizados para a eficácia. Além disso, os resultados não são demonstrativos da qualidade das pessoas que participam no processo (Bailey & Morley, 2006).

Assim, uma clara compreensão dos processos mais importantes, em conjunção com um método pelo qual estes processos podem ser avaliados, permite uma aplicação mais ampla e coerente da prática baseada em evidências. Isto permite aos treinadores ganhar uma compreensão clara de prioridades e metas, obter um feedback regular, monitorizar a mudança, e avaliar formativamente quando e onde necessário (Martindale et al., 2007).

2.2.2 Avaliação dos contextos de desenvolvimento de talento

Ao longo dos anos têm surgido diferentes formas (retrospectiva, longitudinal, etc.) de avaliar o contexto de desenvolvimento de talento. Neste ponto da revisão da literatura iremos falar sobre algumas delas.

Bloom (1985) desenvolveu um estudo onde entrevistou indivíduos de elite e as respectivas famílias, nos campos da arte, música, ciências e atletismo, e criou um modelo de desenvolvimento do talento com três fases: os anos iniciais (fase inicial); anos intermédios (fase de desenvolvimento) e anos finais (fase de perfeição). Esta investigação também motivou com que nas pesquisas sobre o talento se desse mais atenção aos factores psicológicos e sociais, variáveis que contribuem para o desenvolvimento de desempenho superior (Barreiros, 2012).

Da mesma forma, mas em vez de usar uma metodologia retrospectiva, Csikszentmihalyi et al. (1993) realizaram um estudo longitudinal de cinco anos, com mais de 200 jovens talentosos em contextos similares aos do estudo de Bloom. Esta investigação concluiu que durante a fase de desenvolvimento, os indivíduos talentosos são capazes de superar as dificuldades graças a uma capacidade superior de aprendizagem, a qual facilita o desenvolvimento do seu talento. Estes indivíduos possuem características importantes como a

motivação intrínseca, disciplina e prazer (Barreiros, 2012).

Côté (1999) ampliou o trabalho de Bloom desenvolvendo um modelo de desenvolvimento do talento, específico do desporto. O modelo sugere que os atletas passem por três etapas de desenvolvimento desportivo: os anos experiência (6-12 anos), os anos de especialização (13-15 anos) e os anos de investimento ou anos de recreação (depois dos 16).

Ericsson et al. (1993), investigaram as actividades diárias de violinistas e pianistas de diferentes níveis de desempenho (classe mundial, profissional e amador) e concluíram que as horas acumuladas de prática foram responsáveis pelas diferenças de desempenho entre estes indivíduos. Estas evidências levaram os autores a postular a teoria da prática deliberada para explicar os desempenhos superiores. As práticas deliberadas apontam que para atingir o status de excelência em qualquer domínio é preciso 10 anos ou 10.000 horas de prática deliberada. Esta prática é definida como uma actividade altamente estruturada que requer esforço, gera recompensa não imediata e é motivada pela meta de melhorar o desempenho mais do que o próprio gosto. Os autores pioneiros desta teoria (Ericsson et al., 1993) e aqueles que a têm abordado em diversos estudos (Abernethy, 1994; Hodges & Starkes, 1996; Charness, Krampe & Mayr, 1996; Helsen & Starkes, 1999), defendem a existência de uma relação directamente proporcional entre o tempo de treino acumulado e o desenvolvimento de um desempenho superior. A teoria da prática deliberada também tem sido adaptada e testada no futebol (Helsen & Starkes, 1999; Ward, Hodges, Starkes, & Williams, 2007; Ford, Ward, Hodges, & Williams, 2009).

Uma outra forma de se realizar a avaliação do contexto de desenvolvimento de talento é através do Questionário sobre o Ambiente de Desenvolvimento de Talento no Desporto (Martindale et al., 2010). Este questionário é um instrumento prático e confiável que mede os processos genéricos eficazes de desenvolvimento de talento a longo prazo. O conteúdo do questionário foi desenvolvido a partir de uma triangulação rigorosa de provas, incluindo uma revisão da literatura actual, a opinião de especialistas e a experiência dos atletas. Esta triangulação deu origem a sete factores: O primeiro factor é o foco de desenvolvimento a longo prazo (oportunidades de

desenvolvimento oferecidas aos atletas e que foram especificamente concebidas para facilitar o sucesso a longo prazo). O segundo factor é a preparação de qualidade (orientação clara e onde as oportunidades fornecem e reforçam uma boa prática, através da formação, recuperação e experiências de competição). O terceiro factor é a comunicação (efectiva do treinador com o atleta, em ambientes formais e informais. Onde se destaca o estabelecimento de metas, feedback, planeamento, desenvolvimento e ênfase na progressão para um nível superior). O quarto factor é compreender o atleta (capacidade do treinador entender o atleta em profundidade, a nível global e desenvolver uma forte relação profissional com ele). O quinto factor é a rede de apoio (coerente, acessível, abrangente e disponível para ajudar e desenvolver o atleta em todas as áreas). O sexto factor é o ambiente desafiador e de suporte (forma em que os atletas são desafiados e apoiados, adequadamente, pelas experiências que fazem parte do desenvolvimento). O sétimo factor é o fundamento de desenvolvimento a longo prazo (principais características que fazem parte das bases do desenvolvimento, por exemplo, a autonomia do atleta, o apoio dos pais, as oportunidades e evitar a especialização precoce) (Martindale et al., 2010).

2.3 O talento e o futebol

2.3.1 Uma melhor compreensão geral (desporto) influencia positivamente o desenvolvimento específico (futebol)

Vários investigadores identificaram um número significativo de características genéricas importantes para os contextos eficazes de desenvolvimento de talento (Abbott & Collins, 2004; Bloom, 1985; Gould et al., 2002). Por exemplo, o autoconceito era considerado unidimensional (Rosenberg, 1965), até que o trabalho de Marsh, Byrne e Shavelson (1988) destacou a sua natureza multidimensional.

A psicologia sobre a aprendizagem eficaz destaca que características como a motivação intrínseca, a determinação e a autonomia são importantes, independentemente do desporto ou da cultura (Gould et al., 2002; Sproule, Wang, Morgan, McNeill, & McMorris, 2007). Algumas destas características

genéricas influenciam o desempenho, a evolução e o estilo de vida durante o processo de desenvolvimento, o que salienta a natureza global do desporto (Abbott et al., 2002).

2.3.2 A importância da prática

Falar-se que um jogador tem talento é a afirmação mais comum, contudo, Howe, Davidson e Sloboda (1998) referem que, embora a noção de talento (inato) como pressuposto para a eventual aquisição da excelência no futebol seja intuitivamente atraente e apoiada por muitos treinadores, não existem provas científicas significativas para sustentar esta ideia. E a explicação para alcançar a excelência no futebol através da prática (particularmente, a prática deliberada) parece estar mais relacionada com o que acontece na realidade.

Uma grande parte da investigação sobre prática deliberada, na área do desporto, foi direccionada para desportos individuais, tais como a patinagem artística ou a luta (Hodges & Starkes, 1996; Starkes, Deakin, Allard, Hodges & Hayes, 1996), dado que este campo desportivo se aproximava mais aos primeiros estudos de Ericsson et al. (1993) com pianistas e violinistas (Helsen, Hodges, Winckel & Starkes, 2000). Entre as descobertas relacionadas com os desportos individuais, os referidos autores constataram que, para os atletas, havia uma estreita relação entre a quantidade de prática acumulada e o desempenho alcançado, ideia que a teoria da prática deliberada sustenta. A proximidade entre os estudos na área da música de Ericsson et al. (1993) e os desportos individuais era também evidente no que respeitava ao facto de, tanto os músicos como os atletas, considerarem as actividades que exigiam mais esforço e concentração como as mais importantes, distanciando-se apenas no que se refere ao prazer, pois, no desporto, estas actividades eram entendidas pelos atletas como bastante agradáveis.

Relativamente aos desportos colectivos, são inúmeras as razões que complicam a adaptação do modelo de prática deliberada a esta área. Num estudo sobre a excelência no futebol, Helsen et al. (2000) expõem algumas das dificuldades encontradas, mencionando que em modalidades como o futebol,

os atletas empenham-se na prática para se aplicarem em vários aspectos: habilidades práticas de equipa, estratégias, habilidades práticas individuais e fitness. Os mesmos autores acrescentam que cada um destes tipos de prática é processado individualmente e em equipa. Por isso, para avaliar a prática nos desportos de equipa, a definição original de prática individual de Ericsson et al. (1993) deve ser adaptada, de modo a incluir todas as formas de prática.

No seu estudo, Helsen et al. (2000) constataram que à medida que os jogadores de futebol se desenvolvem, aplicam, semanalmente, mais horas à prática, o que é considerado desejável e essencial. Os mesmos autores conferiram que a maior parte dessa quantidade de horas é passada em equipa, o que prejudica a prática individual. Assim, defendem que, uma vez que os jogadores se envolvem profissionalmente e, logicamente, têm mais tempo para o seu trabalho, deviam ser prontamente garantidas maiores quantidades de treino individual. Para que tal aconteça, Helsen et al. (2000) aconselham que, no futuro, as sessões práticas individuais, incidindo nos pontos fracos técnicos, táticos ou físicos dos jogadores, andem a par das sessões práticas em equipa.

Dado que a grande parte dos parâmetros que prevêem um comportamento de excelência são, inevitavelmente, o conhecimento específico do domínio e o resultado da prática, Helsen et al. (2000) mencionam que devem ser encaradas duas questões para a prática do treino: estar ciente da importância das suas capacidades e da quantidade de prática, e oferecer oportunidades de sucesso idênticas a todas as crianças. Os mesmos autores defendem que o sentimento subjectivo que as crianças possuem de se tornarem jogadores de excelência e, conseqüentemente, adquirirem mais sucesso por causa da prática, pode constituir um factor-chave para se converterem em jogadores de classe superior.

2.3.3 Factores que influenciam o desenvolvimento dos jogadores de futebol

O interesse de pesquisa sobre o futebol jovem de elite tem vindo a aumentar significativamente. A importância conferida a esta área reflecte-se na quantidade crescente de investigação dedicada ao tema nos últimos anos

(Reeves, Nicholls, & McKenna, 2009; Sagar, Busch, & Jowett, 2010; Toering, Elferink-Gemser, Jordet, & Visscher, 2009). O modelo teórico derivado do estudo sobre jovens jogadores ingleses e canadenses (Holt & Dunn, 2004) indicou que competências como a disciplina, compromisso, capacidade de resistência e apoio social favorável contribuem para uma transição bem-sucedida para o nível profissional. Numa investigação de acompanhamento, Holt e Mitchell (2006) ampliaram este modelo, integrando a teoria da esperança como o mecanismo para explicar o sucesso no futebol. Este modelo pressupõe que jogadores com uma forte esperança, que sejam resilientes e que recebam um forte apoio social têm uma maior probabilidade de progredir com sucesso para o nível profissional.

Um estudo realizado por Toering et al. (2009) revelou que alguns jogadores jovens holandeses de elite pareciam exibir habilidades de auto-regulação superiores aos seus pares não-elite. Este estudo destacou a influência que a auto-regulação pode ter sobre o desenvolvimento, bem ou mal sucedido, de um jogador. Noutra tentativa de perceber aquilo que diferencia os jogadores de elite dos não-elite, Van Yperen (2009) orientou um estudo prospectivo dos factores psicológicos que prevêm uma carreira de sucesso no futebol profissional. Neste estudo verificou-se que o compromisso com um objectivo, comportamentos de engajamento, confronto dos problemas e apoio social diferenciam os jovens jogadores que evoluíram com sucesso no futebol profissional daqueles que não o fizeram. Uma característica importante deste estudo foi constatar a necessidade que existe dos jogadores implantarem estratégias de confronto suficientes que lhes permitam avançar para o nível profissional. Esta constatação reforça a ideia de que o desenvolvimento no futebol jovem de elite é muito exigente e complexo (Van Yperen, 2009).

Esta noção também parece ser comprovada a partir de uma perspectiva sobre o futebol inglês. Na Inglaterra, o futebol juvenil de elite é caracterizado por um clima altamente focalizado para o sucesso (Sagar, Busch & Jowett, 2010). Richardson, Gilbourne e Littlewood (2004) sugerem que os jovens jogadores encontram uma variedade de desafios pessoais e interpessoais dentro do contexto do clube, os quais podem afectar o desenvolvimento. Desta

forma, as investigações recentes têm-se centrado nas estratégias de confronto que os jogadores devem desenvolver para ultrapassar os vários momentos de stress que enfrentam nos seus clubes (Reeves et al., 2009), para lidar com a transição da formação para a equipa sénior (Finn & McKenna, 2010), bem como o impacto do medo do fracasso sobre o desempenho e desenvolvimento do jogador (Sagar et al., 2010). Todas estas pesquisas sublinham a necessidade dos jovens jogadores serem capazes de lidar com as diversas exigências que encontram durante as fases de desenvolvimento (Finn & McKenna, 2010).

Em suma, estas últimas investigações sublinham a natureza multidimensional do desenvolvimento de talento e defendem que a combinação de determinados factores específicos é fundamental para que os jovens jogadores talentosos possam traduzir o seu potencial em excelência (MacNamara, Button, & Collins, 2010).

2.3.4 Uma perspectiva multidisciplinar sobre o talento no futebol

O interesse na identificação e desenvolvimento de talento no futebol tem registado um aumento significativo (Toering et al., 2009). Segundo o mesmo autor, um dos factores que tem influenciado o aumento deste interesse tem a ver com a necessidade dos clubes manterem os seus jogadores mais talentosos numa perspectiva de longo prazo e para equilibrarem a entrada e saída de jogadores, e assim evitar que a estabilidade no desempenho da equipa seja afectada negativamente.

Como forma de se manterem competitivos, os clubes esforçam-se para investir quantias significativas de dinheiro na tentativa de identificar e desenvolver os jogadores com potencial para atingir a excelência (Wilkinson, 1997). Identificar o potencial no futebol em uma idade precoce permite que os jogadores recebam o apoio e treino necessários para acelerar o processo de desenvolvimento de talentos especializados (Reeves, Nicholls, & McKenna, 2009). A identificação confiável de futuros jogadores de elite permite que os clubes concentrem as suas despesas no desenvolvimento de um número menor de jogadores, o que representa uma gestão mais efectiva dos seus

recursos (Wilkinson, 1997). Na tentativa de produzir jovens jogadores talentosos, os cientistas da área do desporto devem desenvolver um trabalho em conjunto com os treinadores, observadores e administradores do clube, com o intuito de encontrar elementos-chave do processo de identificação e desenvolvimento de talento (Sagar et al., 2010). Uma vez que o papel das ciências do desporto é fundamental para ajudar neste processo, as abordagens de pesquisa em psicologia, sociologia antropometria e fisiologia devem ser, sempre que possível, consideradas e integradas (Reilly & Gilbourne, 2003).

Apesar de treinadores e observadores poderem argumentar que os jogadores talentosos e menos talentosos podem ser diferenciados em função das características psicológicas, os investigadores desportivos ainda têm de identificar as características específicas de personalidade, ou um perfil psicológico em geral, que sejam previsivelmente associados ao sucesso no futebol (Morris, 1997).

Os jogadores talentosos estão mais comprometidos, autoconfiantes, menos propensos a ansiedade, são capazes de utilizar várias estratégias de confronto psicológico, estão mais motivados e são melhores em manter a concentração durante a execução (Durand-Bush & Salmela, 2002). Embora estas características psicológicas sejam importantes para um bom desenvolvimento, só conseguem explicar uma parte da variação no desempenho, isto é, para se conseguir uma identificação de talento segura deve-se conjugar o perfil da personalidade com outros factores (Morris, 1995; Auweele et al., 1993).

Segundo Morris (1995), os administradores e técnicos dos clubes devem apostar em recursos que permitam o desenvolvimento de habilidades psicológicas no maior número possível de jovens jogadores. Isto porque as habilidades psicológicas são altamente passíveis de treino especializado. Psicólogos do desporto têm feito progressos notáveis a este respeito e há uma ampla variedade de recursos para facilitar este processo (Hardy et al., 1996; Morris, 1997; Williams, 1998). A motivação, gestão da ansiedade, concentração, autoconfiança e atenção, entre outras, são as habilidades psicológicas que podem ser refinadas através de formação adequada (Durand-Bush & Salmela,

2002).

Uma abordagem promissora para a identificação de talento envolve a medição de habilidades cognitivas, tais como a antecipação e a tomada de decisão. Diferenças consistentes emergem quando se compara a antecipação e a capacidade de tomada de decisão entre jogadores qualificados e menos qualificados (Williams & Davids, 1995). Tais testes, que normalmente usam simulações baseadas em vídeos do jogo, têm sido usados com sucesso com jogadores jovens e adultos (Williams, 1998). Quando comparados com os seus homólogos menos qualificados, os jogadores qualificados são mais rápidos e precisos em reconhecer e recordar padrões de jogo, melhores em antecipar as acções dos seus adversários com base nas pistas visuais, caracterizam-se por terem mais comportamentos de procura visual apropriados e por serem mais precisos na expectativa do que é provável que aconteça dado um determinado conjunto de circunstâncias (Hardy et al., 1996). Não está claro qual a proporção de habilidade perceptiva que é determinada geneticamente e que proporção é desenvolvida através da prática. Pode ser que os jogadores talentosos estão predispostos a adquirir as estruturas do conhecimento subjacentes as habilidades perceptivas e a tomada de decisão no futebol (Williams, 1998). Embora as influências genéticas são susceptíveis de determinar a resposta ao treino, a habilidade perceptiva pode ser melhorada através de instrução e prática específica, independentemente da sua capacidade inicial (Morris, 1997). Com a utilização de vídeos, os treinadores devem ser capazes de criar simulações para testes e treino de antecipação e capacidade de tomada de decisão, em vez de esperar que estas funções apareçam espontaneamente (Williams, 1998).

A inteligência e o pensamento criativo são outras medidas cognitivas propostas como preditores de talento (Morris, 1997). O conceito de inteligência é difícil de definir e medir (Neisser et al., 1996). Parece ter vários aspectos (e.g., analítico, criativo e prático), que podem ou não ser relevantes para o futebol. Os jogadores habilidosos, muitas vezes possuem uma inteligência específica que lhes permite analisar as principais características do jogo do seu adversário (Singer & Janelle, 1999).

Os factores ambientais têm uma importância fundamental no desenvolvimento do talento. Um factor determinante do sucesso em qualquer desporto, e particularmente no futebol, é a cultura específica de cada contexto (Carlson, 1993). Portanto, a identificação e desenvolvimento de talento no futebol pode exigir uma análise cultural para complementar abordagens comportamentais e biológicos (Kirk et al., 1997). Os pais geralmente introduzem as crianças no futebol, enquanto os amigos, dirigentes e treinadores têm um papel importante a desempenhar, estimulando a criança a uma maior participação. O apoio dos pais e uma atitude positiva para o envolvimento da criança no desporto são extremamente importantes durante todo o período de crescimento (Côté, 1999).

A classe social pode ter um efeito significativo sobre a participação (Power e Woolger, 1994). Mesmo no futebol, tradicionalmente pensado para ser uma prerrogativa das classes trabalhadoras, as crianças de classe média podem ser favorecidas, como resultado de um maior apoio financeiro dos pais, maior mobilidade e flexibilidade no transporte dos seus filhos para várias actividades, e um incentivo mais favorável do envolvimento da criança (Carlson, 1993). Por outro lado, crianças de famílias monoparentais e minorias étnicas podem ser desfavorecidas (Kirk et al., 1997). Estas desigualdades no acesso à participação intensiva indicam que a avaliação precoce de talento pode ser influenciada por factores sociais e ambientais (Power & Woolger, 1994).

Através da literatura despontam evidências que sugerem que as características antropométricas dos jogadores estão relacionadas com aspectos importantes e complexos do desempenho (Borms, 1996). E estas características podem auxiliar na identificação de talento (Carter, 1985). Jovens jogadores de futebol bem-sucedidos parecem ter capacidades físicas semelhantes aos jogadores de sucesso mais velhos (Pena Reyes et al, 1994).

A literatura também indica que os jovens jogadores de futebol de elite são fisicamente mais maduros do que os não-elite, e durante o processo de selecção a maioria dos treinadores favorece os jogadores avançados no crescimento morfológico (Panfil et al., 1997). A tendência em favorecer, no procedimento de selecção, as crianças nascidas no início do ano pode ser

constatada em vários países, e permanece na selecção de jogadores para as equipas adultas de elite (Borms, 1996). Mais de 50 por cento dos jogadores que integraram a Escola Nacional da Associação de Futebol Inglês, em Lilleshall, nasceram no início do ano de selecção (Brewer et al., 1995). Uma percentagem semelhante de jogadores seleccionados para a selecção inglesa durante as campanhas de qualificação para o Campeonato do Mundo de 1986, 1990, 1994 e 1998, também nasceu no início do ano de selecção (Richardson, 1998). Estes registos sugerem que as políticas de escolha favorecem os indivíduos nascidos no início do ano de selecção (Boucher & Mutimer, 1994; Musch & Grondin, 2001). Esta discriminação é particularmente evidente nas escolhas dos guarda-redes e defesas, que tendem a ser os jogadores mais altos e mais fortes (Franks et al., 1999).

Muitas das qualidades físicas que distinguem os jogadores de elite e não-elite podem não ser identificáveis até ao final da adolescência, o que pode prejudicar a selecção precoce de jogadores (Fisher & Borms, 1990). Assim, a previsão de futuros jogadores de elite através de medidas antropométricas pode ser irrealista em grupos etários mais jovens, porque o desempenho pode ser afectado pela taxa de crescimento físico e maturação dos atletas (Borms, 1996). Desde o final da maturação as crianças podem compensar qualquer desvantagem aparente de tamanho e resistência, trabalhando as suas capacidades técnicas e a agilidade, por isso é importante que o processo de identificação de talento não seja excessivamente inclinado para o início do amadurecimento da criança (Panfil et al., 1997). As aparentes desvantagens que alguns atletas possam apresentar numa observação inicial podem ser resultantes de uma maturação tardia, o que por sua vez pode fazer com que alguns jogadores potencialmente talentosos fiquem de fora das escolhas em uma idade precoce (Brewer et al., 1995). Desta forma, é importante que os jovens jogadores sejam seleccionados pela habilidade e capacidade, em vez de serem escolhidos só pelas aptidões físicas (Boucher & Mutimer, 1994).

As medidas fisiológicas também têm sido utilizadas numa tentativa de identificar os principais indicadores de desempenho (Jankovic et al., 1997; Panfil et al., 1997; Janssens et al., 1998).

Num estudo de Jankovic et al. (1997), onde foram comparadas algumas capacidades fisiológicas entre vários jovens jogadores, foi constatado que os jovens com melhores resultados foram seleccionados pelos clubes que jogam nas melhores ligas seniores de Inglaterra, Alemanha, Itália e Croácia, enquanto aqueles com piores resultados não foram além das ligas regionais. Ou seja, os jogadores de sucesso possuíam melhores aptidões fisiológicas do que os seus pares menos bem-sucedidos.

Por outro lado, num estudo realizado por Franks et al. (1999) onde foram analisadas algumas características fisiológicas de jogadores da Escola Nacional da Associação de Futebol Inglês, não foram observadas diferenças entre os mais bem-sucedidos e os menos bem-sucedidos.

Desta forma, o facto de um jovem jogador atingir ou não o sucesso pode ser determinado por outros factores. Sendo que, provavelmente, com o aumentar da idade dos jogadores torna-se mais difícil prever o talento, uma vez que a população de jogadores torna-se menor e mais homogénea, em particular no que diz respeito ao perfil fisiológico (Panfil et al., 1997). Aqueles que não desenvolveram as características necessárias tendem a abandonar o desporto numa idade precoce (Janssens et al., 1998).

As medidas fisiológicas proporcionam uma detecção de talento inicial subjectiva, uma vez que essas medidas não parecem ser indicadores de desempenho global. Assim, quando utilizadas de forma isolada (sem contemplar outros factores) podem originar uma selecção pouco segura (Franks et al., 1999).

Desta forma, deve existir a preocupação de perceber como um indicador de talento se desenvolve desde a infância até a idade adulta (Panfil et al., 1997).

Em suma, o desempenho no futebol é fortemente influenciado pelos factores psicológicos, sociológicos, antropométricos e fisiológicos (Reilly & Gilbourne, 2003).

3. MATERIAL E MÉTODOS

3. Material e métodos

3.1 Participantes

Neste estudo, foram seleccionadas oito equipas juniores de futebol, as quais foram designadas de contexto superior ou contexto inferior. Esta classificação surgiu a partir de uma avaliação baseada na qualidade do processo de formação e nos resultados competitivos, nomeadamente no facto de umas equipas participarem no Campeonato da Primeira Divisão Nacional sub-19 (contexto superior) e outras participarem no Campeonato da Segunda Divisão Distrital da Associação de Futebol do Porto sub-19 (contexto inferior), durante a época de 2012/2013.

Tendo em conta esta avaliação, quatro clubes são de um contexto superior e os outros quatro são de um contexto inferior.

Este processo de classificação originou a participação de 161 jogadores do escalão júnior. 76 deles foram identificados como jogadores de um contexto superior e outros 85 foram identificados como jogadores de um contexto inferior. Nesta investigação todos os participantes são do sexo masculino com idades entre os 17 e os 19.

Foram escolhidos, intencionalmente, oito equipas diferentes para permitir uma maior diversidade de contextos de desenvolvimento a serem examinados.

Quadro 1. Caracterização da amostra

Clube	Número de jogadores	Contexto
1	20	Inferior
2	21	Inferior
3	22	Superior
4	15	Superior
5	24	Superior
6	23	Inferior
7	21	Inferior
8	15	Superior

3.2 Instrumento

Segundo Prudente, Garganta e Anguera (2004), o questionário constitui uma das técnicas disponíveis para a obtenção de dados na pesquisa social, podendo definir-se como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objectivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, entre outras. Para uma aplicação bem-sucedida é necessário garantir que o instrumento permita observar aquilo que realmente se pretende. Assim, é importante que as questões sejam claras e concisas, para que todas as pessoas interrogadas as interpretem da mesma maneira, não desvirtuando os propósitos do estudo (Hill & Hill, 2002).

O instrumento utilizado nesta investigação foi a versão em Português do *“Talent Development Environment Questionnaire for Sport”* (Martindale et al., 2010). Esta ferramenta é composta por 59 itens e por sete factores: foco de desenvolvimento a longo prazo (24 itens, e.g. “o meu treino é especificamente planeado para me ajudar a desenvolver de forma eficaz a longo prazo”), preparação de qualidade (5 itens, e.g. “esforço-me para conseguir experiências competitivas com o nível de qualidade que necessito”), comunicação (7 itens, e.g. “o meu treinador e eu tentamos frequentemente identificar qual será o meu próximo grande desafio, antes que este aconteça”), compreender o atleta (4 itens, e.g. “o meu treinador raramente fala comigo sobre o meu bem-estar”), rede de apoio (8 itens, e.g. “os meus programas de treino são desenvolvidos especificamente de acordo com as minhas necessidades”), ambiente desafiador e de suporte (4 itens, e.g. “não recebo muitas vezes ajuda de atletas com mais experiência”) e fundamentos de desenvolvimento a longo prazo (7 itens, e.g. “eu estou envolvido na maior parte das decisões sobre o meu desenvolvimento desportivo”). As respostas para todos os itens estão definidas numa escala tipo Likert de 6 pontos em que 1= discordo plenamente e 6= concordo plenamente.

Em suma, este instrumento foi concebido para medir o grau em que certas características de boas práticas são experimentadas por atletas nos

seus contextos de desenvolvimento.

O processo de tradução da versão original foi realizado com recurso a um painel de três investigadores, que confrontaram as suas propostas para cada item até chegarem a um consenso total, tendo ainda havido lugar a uma aplicação experimental (a 4 atletas com idades próximas dos participantes deste estudo) e a um refinamento de alguns itens onde esses participantes tinham demonstrado menos compreensão. O instrumento foi em seguida desenhado e preparado através do sistema e leitura óptica Cardiff Teleform.

3.3 Procedimento

Na análise psicométrica, nomeadamente no estudo da consistência interna considerou-se um valor de alfa de Cronbach de .70 (Nunnally & Bernstein, 1994; Tabachnick & Fidell, 2001). Neste sentido a análise realizada evidenciou valores bastante bons no que diz respeito à generalidade dos factores, nomeadamente factor 1 - foco de desenvolvimento a longo prazo (.90), factor 3 - comunicação (.88), factor 4 - compreender o atleta (.77), factor 5 - rede de apoio (.79) e factor 7 - fundamentos de desenvolvimento a longo prazo (.78). Relativamente ao factor 2 (preparação de qualidade) a análise realizada evidenciou que a sua consistência interna melhoraria com a eliminação do item 26. Já no que diz respeito ao factor 6 (ambiente desafiador e de suporte) não se verificaram valores aceitáveis (nem com recurso à diminuição dos itens). Em consequência destas conclusões, toda a análise de dados, nomeadamente o estudo dos diferentes contextos, foi realizada tendo em conta estes aspectos, ou seja, contabilizando apenas 6 factores (foco de desenvolvimento a longo prazo, preparação de qualidade, comunicação, compreender o atleta, rede de apoio e fundamentos de desenvolvimento a longo prazo), numa estrutura final de 54 itens.

Como forma de obtermos uma permissão oficial e ética, foi realizada uma carta para pedir aos clubes que permitissem aos seus jogadores preencher o questionário. Aos participantes foi fornecido um conjunto de instruções, com o intuito de incentivar a honestidade e a concentração. Os participantes também foram informados de que o questionário foi concebido

para obter conhecimentos sobre as suas experiências de desenvolvimento no futebol, que levaria cerca de 15 minutos a ser preenchido e que as suas respostas permaneceriam totalmente anónimas. Assim, nenhuma informação fornecida lhes pode ser atribuída. Além disso, eles foram convidados a responder da forma mais honesta possível, pois isso pode ajudar a desenvolver o questionário numa ferramenta útil para melhorar a qualidade das suas experiências de desenvolvimento. Finalmente, os participantes foram informados de que poderiam abandonar o estudo a qualquer momento, sem causa ou consequência.

A aplicação dos questionários decorreu entre os dias 16 e 29 do mês de Maio de 2013. Em todas as equipas que representam a amostra, o questionário foi preenchido de forma presencial nas instalações do clube.

3.4 Análise dos dados

Como a distribuição das variáveis em estudo foi distinta utilizámos testes paramétricos e testes não paramétricos. Na análise em função do contexto foi utilizado o teste-t para comparar o contexto inferior e o contexto de superior tendo em conta os factores 1 e 7 do questionário (o foco de desenvolvimento a longo prazo e o fundamento de desenvolvimento a longo prazo), e foi utilizado o teste de Mann-Whitney para comparar o contexto inferior e o contexto superior tendo em conta os factores 2, 3, 4 e 5 do questionário (preparação de qualidade, comunicação, compreender o atleta e rede de apoio).

Na análise em função do clube foi utilizada a ANOVA para comparar todos os clubes tendo em conta os factores 3 e 4 (comunicação e compreender o atleta), foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis para comparar todos os clubes tendo em conta os factores 1, 2, 5 e 7 (foco de desenvolvimento a longo prazo, preparação de qualidade, rede de apoio e fundamento de desenvolvimento a longo prazo), e foram utilizadas as comparações múltiplas para comparar todos os clubes tendo em conta os factores 3 e 4 (comunicação e compreender o atleta).

Na análise comparativa entre os clubes do mesmo contexto foi utilizado a ANOVA para realizar uma comparação entre os clubes do contexto inferior (1,

2, 6 e 7) e outra comparação entre os clubes do contexto superior (3, 4, 5 e 8) tendo em conta os factores 1, 3, 4 e 5 (foco de desenvolvimento a longo prazo, comunicação, compreender o atleta e rede de apoio), foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis para realizar uma comparação entre os clubes do contexto inferior (1, 2, 6 e 7) e outra comparação entre os clubes do contexto superior (3, 4, 5 e 8) tendo em conta os factores 2 e 7 (preparação de qualidade e fundamento de desenvolvimento a longo prazo), e foram utilizadas as comparações múltiplas para realizar uma comparação entre os clubes do contexto inferior (1, 2, 6 e 7) e outra comparação entre os clubes do contexto superior (3, 4, 5 e 8) tendo em conta os factores 1, 3, 4 e 5 (foco de desenvolvimento a longo prazo, comunicação, compreender o atleta e rede de apoio).

4. RESULTADOS

4. Resultados

4.1 Análise em função do contexto

No quadro 2 são apresentados os valores médios referentes às respostas dos atletas dos dois contextos estudados.

Quadro 2. Análise descritiva em função do contexto

Factores	Contexto superior	Contexto inferior
	(n=76)	(n=85)
	<i>M</i> (SD)	<i>M</i> (SD)
Foco de desenvolvimento a longo prazo	4.67 (.59)	4.70 (.52)
Preparação de qualidade	3.77 (.76)	3.61 (.78)
Comunicação	4.08 (.99)	4.00 (.96)
Compreender o atleta	3.72 (1.12)	3.40 (1.15)
Rede de apoio	4.46 (.79)	4.27 (.76)
Fundamentos de desenvolvimento a longo prazo	3.67 (1)	3.75 (.86)

A análise comparativa das respostas dos atletas dos clubes do contexto superior com as dos atletas dos clubes do contexto inferior, não evidenciou qualquer diferença significativa.

Neste quadro, mesmo não existindo diferenças estatísticas significativas, podemos verificar que os factores sobre a “Preparação de qualidade”, “Comunicação”, “Compreender o atleta” e “Rede de apoio” são mais valorizados pelos atletas do contexto superior, e os factores sobre o “Foco de desenvolvimento a longo prazo” e “Fundamentos de desenvolvimento a longo prazo” são mais valorizados pelos atletas do contexto inferior.

4.2 Análise em função do clube

No quadro 3 são apresentados os valores médios relativos às respostas dos atletas dos diferentes clubes.

Quadro 3. Análise descritiva em função do clube

	Clube 1 (n=20)	Clube 2 (n=21)	Clube 3 (n=22)	Clube 4 (n=15)	Clube 5 (n=24)	Clube 6 (n=23)	Clube 7 (n=21)	Clube 8 (n=15)
Factores	M (SD)	M (SD)	M (SD)	M (SD)	M (SD)	M (SD)	M (SD)	M (SD)
Foco de								
desenvolvimento a longo prazo	4.32 (.54)	4.82 (.46)	4.54 (.54)	4.92 (.57)	4.67 (.56)	4.75 (.48)	4.90 (.45)	4.61 (.70)
Preparação de qualidade	3.39 (.42)	3.55 (.80)	3.57 (.49)	3.80 (1.03)	4.04 (.77)	3.64 (.93)	3.85 (.83)	3.58 (.72)
Comunicação	3.38 (.85)	4.03 (.96)	3.56 (.91)	4.81 (.56)	4.29 (.81)	4.10 (.94)	4.44 (.84)	3.77 (1.19)
Compreender o atleta	3.66 (.97)	3.05 (1.09)	3.54 (.93)	3.67 (.82)	4.06 (1.19)	3.32 (1.21)	3.60 (1.28)	3.49 (1.47)
Rede de apoio	3.63 (.71)	4.56 (.65)	4.10 (.76)	4.75 (.57)	4.61 (.75)	4.37 (.70)	4.46 (.66)	4.44 (.92)
Fundamentos de								
desenvolvimento a longo prazo	3.39 (.77)	3.80 (.79)	3.17 (.60)	3.44 (1.18)	4.21 (1.07)	3.94 (.82)	3.83 (.99)	3.78 (.80)

Através dos resultados desta análise podemos constatar que o clube 1 e o clube 5 foram os que mais se distinguiram, tendo as respostas do clube 1 se diferenciado significativamente das respostas dos atletas do clube 5 ($p = < .001$) e do clube 4 ($p = < .000$) no que diz respeito ao factor sobre a “Comunicação”. Para além do exposto, os atletas do clube 5 ainda se distinguiram, nas suas respostas, dos atletas do clube 2 no factor sobre “Compreender o atleta” ($p = < .004$) e dos atletas do clube 3 no factor sobre a “Comunicação” ($p = < .006$).

Nesta análise os factores que registaram uma diferença significativa foram a “Comunicação” ($F = 5.114$, $p = < .000$), “Foco de desenvolvimento a longo prazo” ($\chi^2 = 18.418$, $p = < .010$), “Rede de apoio” ($\chi^2 = 27.873$, $p = < .000$) e “Fundamentos de desenvolvimento a longo prazo” ($\chi^2 = 22.206$, $p = < .002$).

4.3 Análise comparativa entre os clubes do mesmo contexto

No quadro 4 são apresentados os valores médios de cada factor em função do clube por contexto.

Quadro 4. Análise descritiva entre os clubes do mesmo contexto

Factores	Contexto inferior (n=85)					Contexto superior (n=76)				
	Clube 1 (n=20)	Clube 2 (n=21)	Clube 6 (n=23)	Clube 7 (n=21)	Clube 8 (n=15)	Clube 3 (n=22)	Clube 4 (n=15)	Clube 5 (n=24)	Clube 8 (n=15)	
	M (SD)	M (SD)	M (SD)	M (SD)	M (SD)	M (SD)	M (SD)	M (SD)	M (SD)	
Foco de desenvolvimento a longo prazo	4.32 (.54)	4.82 (.46)	4.75 (.48)	4.90 (.45)		4.54 (.54)	4.92 (.57)	4.67 (.56)	4.61 (.70)	
Preparação de qualidade	3.39 (.42)	3.55 (.80)	3.64 (.93)	3.85 (.83)		3,57 (.49)	3.80 (1.03)	4.04 (.77)	3,58 (.72)	
Comunicação	3.38 (.85)	4.03 (.96)	4.10 (.94)	4.44 (.84)		3.56 (.91)	4.81 (.56)	4.29 (.81)	3.77 (1.19)	
Compreender o atleta	3.66 (.97)	3.05 (1.09)	3.32 (1.21)	3.60 (1.28)		3.54 (.93)	3.67 (.82)	4.06 (1.19)	3.49 (1.47)	
Rede de apoio	3.63 (.71)	4.56 (.65)	4.37 (.70)	4.46 (.66)		4.10 (.76)	4.75 (.57)	4.61 (.75)	4.44 (.92)	
desenvolvimento a longo prazo	3.39 (.77)	3.80 (.79)	3.94 (.82)	3.83 (.99)		3,17 (.60)	3.44 (1.18)	4.21 (1.07)	3.78 (.80)	

Através dos resultados desta análise podemos constatar que no contexto inferior o clube 1 e o clube 7 foram os que mais se distinguiram, tendo as respostas do clube 1 se diferenciado significativamente das respostas dos atletas do clube 7 no que diz respeito aos factores sobre o “Foco de desenvolvimento a longo prazo” ($p = < .001$), “Comunicação” ($p = < .001$) e “Rede de apoio” ($p = < .001$). Por outro lado, podemos constatar que no contexto superior o clube 3 e o clube 4 foram os que mais se distinguiram, tendo as respostas do clube 3 se diferenciado significativamente das respostas dos atletas do clube 4 no que diz respeito aos factores sobre o “Foco de desenvolvimento a longo prazo” ($p = < .05$), “Comunicação” ($p = < .000$) e “Rede de apoio” ($p = < .014$).

Nesta análise os factores que registaram uma diferença significativa no contexto inferior foram o “Foco de desenvolvimento a longo prazo” ($F = 5.752$, $p = < .001$), “Comunicação” ($F = 4.885$, $p = < .005$) e “Rede de apoio” ($F = 7.615$, $p = < .001$). Por outro lado, os factores que registaram uma diferença significativa no contexto superior foram a “Comunicação” ($F = 6.981$, $p = < .001$) e “Fundamentos de desenvolvimento a longo prazo” ($\chi^2 = 15.002$, $p = < .005$).

5. DISCUSSÃO

5. Discussão

O presente estudo procurou examinar diferenças no desenvolvimento de talento entre equipas de um contexto superior e um contexto inferior no futebol, tendo em conta as respectivas percepções dos atletas relativamente aos factores do questionário utilizado.

Numa análise generalizada onde comparámos, através das respectivas respostas dos atletas, dois contextos diferentes (superior e inferior) de desenvolvimento de talento no futebol não verificamos diferenças significativas em nenhum dos factores. Mas numa análise mais particularizada onde comparamos os clubes, com e sem diferenciação entre os contextos, verificámos diferenças significativas. Através desta constatação podemos deduzir que tanto num contexto como no outro encontramos condições semelhantes (positivas ou negativas) para o desenvolvimento do talento. Isto é, o sucesso ou insucesso no processo de desenvolvimento de talento não é unicamente influenciado pelo contexto, mas também pela especificidade que existe em cada clube. Assim, é importante perceber que o facto de os jogadores estarem em clubes superiores e inferiores não é uma condicionante obrigatória para alcançar ou deixar de alcançar a excelência. Ou seja, não é por se jogar num campeonato mais qualificado que se vai atingir o top e por se jogar num campeonato menos qualificado que não se vai atingir, ou vice-versa. Visto isto, parece-nos que mais importante do que o nível do contexto é a estabilidade e bem-estar que o clube pode proporcionar ao atleta em desenvolvimento. De acordo com Williams e Hodges (2004) a criação de um contexto favorável ao desenvolvimento dos jovens jogadores é mais importante do que o fornecimento de instalações e material de primeira classe, técnicos credenciados e ligação desporto-ciência. Embora estes factores sejam importantes, um contexto equilibrado e ajustado é fundamental para um desenvolvimento harmonioso. Segundo os mesmos autores o desenvolvimento de talento é um processo gerido por pessoas e por isso tem de ser desenvolvido pelos indivíduos certos, os quais têm de ser capazes de cultivar um ambiente positivo e motivacional. Desta forma, os clubes devem promover uma relação estreita entre o meio e os jogadores, e assim criar condições que

promovam uma série de factores intrapessoais associados ao sucesso (exemplo: atitude optimista e equipa orientada).

Existe um grande número de factores que influenciam o desenvolvimento da vida pessoal e desportiva dos jovens, incluindo os objectivos e práticas de identificação e desenvolvimento de talentos, processo de treino, financiamento, recursos, avaliação e recompensa do treinador, a concorrência e a estrutura do clube (Abbott & Collins, 2004). De facto, pesquisas sobre o desenvolvimento de campeões olímpicos mostraram uma grande variedade de influências, individuais e institucionais a longo prazo que podem influenciar significativamente o desenvolvimento, podendo chegar muito além do contexto desportivo (Gould et al., 2002). Csikszentmihalyi et al. (1993) concluíram que para o desenvolvimento ser eficaz, o talento deve ser valorizado pela sociedade, e reconhecido e alimentado por pais, treinadores e professores.

Mesmo que os contextos não se tenham distinguido, podemos verificar que os factores sobre a “Preparação de qualidade”, “Comunicação”, “Compreender o atleta” e “Rede de apoio” são mais valorizados pelos atletas do contexto superior. Na nossa opinião, isto tem a ver com o apoio coerente, acessível, abrangente e disponível que é proporcionado por este contexto, para ajudar e desenvolver os seus atletas em todas as áreas. As evidências da gestão de comportamento mostram claramente os efeitos positivos sobre o comportamento das pessoas quando os objectivos são claros e apresentados em conjunto com uma recompensa igualmente clara e inequívoca e com contingências de reforço (Siedentop, 1978), particularmente em contextos onde existe a preocupação de compreender o impacto da motivação no desempenho do atleta (Abbott & Collins, 2004). Mesmo a nível de elite, alguns factores-chave associados com o compromisso de formação, tais como a auto-motivação, reforço, auto-controlo, expectativas de resultado e normas de grupo, podem ser directamente influenciados por fontes externas (Palmer et al., 1999). É, pois, fundamental para as políticas de desenvolvimento encorajar as filosofias, objectivos e métodos coerentes dentro e fora dos contextos de desenvolvimento eficazes, destacando a necessidade de considerar uma série

de factores (Wang et al., 2011). A combinação entre o desafio e o apoio ajuda a promover certas habilidades e atitudes que promovem o sucesso (Côté, 1999; Csikszentmihalyi et al., 1993; Gould et al., 2002), e o suporte financeiro, a prática necessária e o desenvolvimento de uma variedade de redes de suporte são fundamentais para um desenvolvimento harmonioso (Bloom, 1985).

Por outro lado, os factores sobre o “Foco de desenvolvimento a longo prazo” e “Fundamentos de desenvolvimento a longo prazo” são mais valorizados pelos atletas do contexto inferior. Na nossa opinião, isto poderá ter a ver com as oportunidades de desenvolvimento oferecidas aos atletas deste contexto, e que são especificamente concebidas para facilitar o sucesso a longo prazo. Especificamente a este respeito, o trabalho de Bloom (1985) apresentou um modelo com etapas de progressão, onde é referido que para os indivíduos se desenvolvam com êxito, é necessário alcançar certos níveis de habilidade, aprendizagem, atitude ou relacionamentos, mas não é necessário obter níveis evidentes de desempenho de sucesso em diferentes grupos etários. É evidente a necessidade de encarar o desenvolvimento do talento através de uma perspectiva a longo prazo (Bloom, 1985; Ericsson et al., 1993; Starkes et al., 1996), mas o que parece ser menos claro é a natureza deste foco ao longo do desenvolvimento. Como tal, um projecto de longo prazo requer uma coordenação eficaz, e a sua operacionalização deve dirigir e integrar uma grande variedade de factores importantes, para garantir que os processos são eficazes e ajudam os jovens a atingir todo o seu potencial. Através deste sistema é possível conduzir coerentemente os objectivos e práticas de identificação e desenvolvimento de talentos, o processo de financiamento do treino, os recursos, a avaliação, a recompensa do treinador, a competição e a estrutura do clube (Martindale et al., 2007). Este processo complexo exige um planeamento sistemático e uma implementação em várias áreas. Na verdade, o desenvolvimento dentro de contextos inferiores beneficia muito com experiências deliberadas sistemáticas (Abbott et al., 2002). Além disso, devemos reconhecer que o desenvolvimento a longo prazo incorpora muito mais questões além da capacidade de aprender a executar com sucesso (Martindale et al., 2007). Por exemplo, as questões de motivação e

compromisso a longo prazo, percepção de competência (Sternberg, 2000), a importância da capacidade cognitiva e das habilidades motoras (Beamer et al., 1999) e acesso as oportunidades necessárias (Bloom 1985) são cruciais. Em conclusão, o processo de desenvolvimento a longo prazo deve ser conduzido de forma sistemática. Por uma variedade de razões, parece fácil ignorar as evidências que surgem a partir da pesquisa sobre os atletas e ao nível do sistema de formação. Por exemplo, a especialização precoce é uma prática comum e que se pode desenvolver rapidamente, mas a formação a longo prazo é algo que demora mais tempo a dar resultados e isto dificulta a sua aplicação (Martindale et al., 2007).

Na análise mais particularizada (comparação entre clubes com e sem diferenciação entre os contextos) podemos constatar que o factor sobre a “Comunicação” é aquele onde encontramos mais diferenças significativas. Na nossa opinião, isto tem a ver com a disparidade na aposta do diálogo efectivo entre os treinadores e os atletas dos vários clubes, o que influencia o estabelecimento de metas, feedback, planeamento, desenvolvimento e ênfase na progressão para um nível superior. Os efeitos recíprocos da socialização e envolvimento desportivo (Weiss & Hayashi, 1995) podem ser úteis para a promoção de redes de apoio extremamente eficazes, especialmente se os treinadores oferecem oportunidades adequadas e contribuem de forma positiva. Além disso, devem existir padrões de comunicação eficazes entre treinadores e jogadores. Na verdade, é através desta comunicação que vários problemas ou conflitos, do interesse do atleta podem ser resolvidos (Wang et al., 2011). A psicologia organizacional destaca que as organizações eficazes promovem expectativas claras e sistemas de comunicação abertos para evitar eventuais conflitos que possam aparecer (Bemowski, 1996). Devido à natureza particularizada e dinâmica do desenvolvimento, é imperativo que os jovens sejam tratados como individualidades, e as suas necessidades sejam satisfeitas, individualmente, o mais rápido possível. A eficácia desse tipo de ensino e abordagens educacionais estão bem documentadas (Abbott et al., 2002). Os contextos de treino talvez oferecem mais oportunidades para a individualização, especialmente numa configuração profissional. Alguns

trabalhos recentes mostraram a importância da atenção individual ao eventual desenvolvimento de talento de alto nível (Bloom, 1985; Csikszentmihalyi et al., 1993; Gould et al., 2002). O estabelecimento regular de metas e os sistemas de revisão, em conjunto com as oportunidades formais e informais de comunicação, são um método para garantir o contacto individual. Além disso, a natureza individualizada das intervenções de mudança de comportamento suporta a importância da prática individualizada, especialmente quando combinada com estratégias de reforço contingente (Siedentop, 1978).

Por outro lado, o factor sobre a “Preparação de qualidade” é aquele onde não encontrámos diferenças significativas. Na nossa opinião, isto poderá ter a ver com a orientação clara que existe nos vários clubes, onde as oportunidades fornecem e reforçam uma boa prática, através da formação, recuperação e experiências de competição. Ericsson et al. (1993) destacam a necessidade da prática ser planeada especificamente para melhorar o desempenho através da definição de metas, oportunidades para a repetição e *feedbacks*. A pesquisa sobre aprendizagem motora destaca a importância da qualidade do *feedback*, da estrutura do treino, e do estilo de instrução no desenvolvimento das habilidades úteis (Williams & Hodges, 2004). Além disso, a importância da qualidade da concorrência para o desenvolvimento de elite é destacada por vários investigadores (Bloom, 1985; Côté, 1999; Durand-Bush & Salmela, 2002; Wang et al., 2011), assim como a necessidade de métodos de recuperação de qualidade, os quais são muito importantes para evitar o excesso de treino e competição, a desmotivação e o abandono (Durand-Bush & Salmela, 2002; Martindale et al., 2007).

Em suma, os dois contextos da nossa amostra assemelharam-se naquilo que diz respeito as respostas dos atletas. Mas no que toca à relação dos contextos com os factores encontrámos algumas diferenças, sendo que, segundo as percepções dos atletas, no contexto superior existe uma maior preocupação para ajudar e desenvolver os seus jogadores em todas as áreas. Enquanto no contexto inferior as oportunidades de desenvolvimento são concebidas para facilitar o sucesso a longo prazo. Através dos resultados deste estudo, que têm como base as respostas dos atletas, também podemos

constatar que existe uma disparidade na aposta do diálogo efectivo entre os treinadores e os atletas dos vários clubes, mas por outro lado há uma intenção geral para proporcionar oportunidades que reforcem uma boa prática.

5.1 Limitações e sugestões

Este estudo foi um primeiro passo na aplicação deste questionário e foi aplicado, unicamente, a atletas de futebol. De facto, esta aplicação e os procedimentos conduzidos parecem indicar que esta versão portuguesa do questionário tem boas características mas há a necessidade de alargar a amostra para que possam ser conduzidos outros procedimentos de análise psicométrica mais robustos (exemplo: análises factoriais). Outra limitação inerente a este estudo tem a ver com o facto do questionário utilizado ser um instrumento onde se destacam as características gerais do desporto. Assim, a aplicação do questionário num contexto específico merece uma investigação mais aprofundada. Neste sentido, o estudo de Henriksen et al. (2010) forneceu descrições detalhadas de sucesso em contextos socioculturais específicos, o que destaca a necessidade de se desenvolver versões com uma maior especificidade cultural.

Tendo em conta estas limitações, sugerimos que sejam desenvolvidas outras metodologias que ajudem a melhorar este instrumento, sendo que os estudos longitudinais podem ser uma boa opção. Este tipo de investigação seria útil para avaliar a validade de cada critério, e assim examinar a extensão em que estas directrizes de contextos de desenvolvimento podem influenciar verdadeiramente a evolução dos jogadores.

No que toca a aplicação prática, sugerimos que o questionário seja administrado a mais clubes, em diversos desportos, a jogadores em outras faixas etárias, a equipas do sexo feminino e a equipas de outras cidades ou outros países. Isto porque a necessidade de produzir, eficazmente, contextos de desenvolvimento de talento baseados em evidências é primordial, e qualquer mecanismo que possa ajudar a preencher a lacuna teoria-prática pode ser muito valioso, uma vez que tem sido admitida a falta de uma política baseada em evidências práticas (Bailey et al., 2009). Além disso, há um

consenso comum sobre o mau aproveitamento da pesquisa científica em relação à prática desportiva (Bishop, 2008). Isto faz da utilização efectiva de prática baseada em evidências uma questão ainda mais pertinente.

Desta forma, este tipo de estudos permite conhecer as percepções dos jogadores, e através destes conhecimentos podemos realizar uma análise reflexiva sobre aquilo que é feito na prática. Isto é fundamental para a melhoria do processo de treino e para o eventual desenvolvimento do talento.

6. CONCLUSÕES

6. Conclusões

Ao culminar este trabalho, torna-se pertinente mencionar os aspectos que nele sobressaem. Deste modo, serão apresentadas as conclusões que dimanam da análise do discurso dos atletas que responderam ao questionário por nós aplicado.

Segundo as percepções dos atletas, as principais conclusões que podemos retirar deste estudo são as seguintes:

- Clubes de diferentes contextos podem ter condições semelhantes de desenvolvimento de talentos;
- Clubes de contextos semelhantes podem ter diferentes condições de desenvolvimento de talentos;
- Clubes de um contexto superior têm uma maior preocupação com o desenvolvimento dos seus atletas em todas as áreas;
- Clubes de um contexto inferior têm uma maior preocupação com o desenvolvimento a longo prazo;
- Existe uma disparidade na aposta do diálogo entre treinadores e atletas dos vários clubes;
- Há uma intenção geral de proporcionar oportunidades para reforçar as boas práticas.

Uma vez que não se encontraram diferenças significativas entre os contextos estudados, podemos concluir que o desenvolvimento do talento não é unicamente influenciado por um factor de nível de contexto mas sim por um grande número de factores que influenciam o desenvolvimento da vida pessoal e desportiva dos jogadores. Assim este processo de formação deve ser desenvolvido através de uma perspectiva multidisciplinar. Esta abordagem mais estruturada e holística é responsável por uma maior proporção da variância entre jogadores talentosos e menos talentosos, promovendo uma maior precisão e uma melhor compreensão do processo de identificação de talentos.

Mais importante do que o nível do contexto é que os responsáveis pela formação no futebol percebam que o desenvolvimento de talento implica que os jogadores tenham acesso a um contexto de aprendizagem adequado e que

lhes proporcione a oportunidade de aumentar o potencial. Assim, os clubes têm a responsabilidade de investir na formação, proporcionando aos atletas de hoje a oportunidade de serem os talentos de amanhã.

O desenvolvimento global do jogador e o seu bem-estar deve ser a principal preocupação para aqueles que estão envolvidos no processo de desenvolvimento de talento. A procura da excelência não deve ocorrer em detrimento da saúde emocional e física, crescimento e desenvolvimento do jogador. Os contextos familiares, educacionais e socioculturais são pilares de uma abordagem equilibrada para o desenvolvimento do atleta, especialmente quando o desenvolvimento de jogadores de futebol de elite está em causa.

Em suma, é de extrema importância salientar que este estudo não tem a intenção de encerrar um campo, ou simplesmente generalizar as conclusões obtidas. Espera sim, aumentar as dúvidas existentes acerca do desenvolvimento do talento no futebol, um processo que realmente é muito complexo.

7. BIBLIOGRAFIA

7. Bibliografia

Abbott, A., & Collins, D. (2002). A theoretical and empirical analysis of a 'state of the art' talent identification model. *High Ability Studies*, 13, 157-178.

Abbott, A., Collins, D., Martindale, R., & Sowerby, K. (2002). *Talent identification and development: An academic review*. Edinburgh: Sportscotland.

Abbott, A., & Easson, B. (2002). The mental profile. In B. Hale & D. Collins (Eds.), *Rugby Tough* (pp. 17-33). Champaign: Human Kinetics.

Abbott, A., & Collins, D. (2004). Eliminating the dichotomy between theory and practice in talent identification and development: Considering the role of psychology. *Journal of Sports Sciences*, 22, 395-408

Abbott, A., Button, C., Pepping, G., & Collins, D. (2005). Unnatural selection: Talent identification and development in sport. *Nonlinear Dynamics, Psychology, and Life Sciences*, 9, 61-88.

Abernethy, B. (1994). Expert-novice differences in sport. *International Journal of Psychology*, 25, 18-26.

Abraham, A., & Collins, D. (1998). Examining and extending research in coach development. *Quest*, 50, 59-79.

Ackland, T.R., & Bloomfield, J. (1996). Stability of human proportions through adolescent growth. *Australian Journal of Science and Medicine in Sport*, 28, 257-260.

Ashforth, B., & Mael, F. (1996). Organisational identity and strategy as a context for the individual. *Advances in Strategic Management*, 13, 1-25.

Auweele, Y., Cuyper, B., Mele, V., & Rzewnicki, R. (1993). Elite performance and personality: From description and prediction to diagnosis and intervention. In R. Singer, M. Murphey e L. Tennant (Eds.), *A Handbook of Research on Sports Psychology* (pp. 257-292). New York: Macmillan.

Bailey, R., & Morley, D. (2006). Towards a model of talent development in physical education. *Sport, Education and Society*, 11, 211-230.

Bailey, R., Collins, D., Ford, R., Macnamara, A., Toms, M., & Pearce, G. (2009). *Participant development in sport: An academic review*. Leeds: SportsCoachUK.

Bandura, A., & McDonald, F. (1963). The influence of social reinforcement and the behaviour of models in shaping children's moral judgements. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 67, 274-281.

Barnsley, R., Thompson, A., & Legault, P. (1992). Family planning football style. The relative age effect in football. *International Review for the Sociology of Sport*, 27(1), 77-88.

Barreiros, A. (2012). *Becoming an expert in sport: exploring the journey of Portuguese national team athletes*. Porto: A. Barreiros. Dissertação de Doutoramento em Ciência do Desporto apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Barreiros, A., & Fonseca, A. (2012). A Retrospective Analysis of Portuguese Elite Athletes' Involvement in International Competitions. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 7(3), 593-600.

Barreiros, A., Côté, J., & Fonseca, A. (2013). Training and psychosocial patterns during the early development of Portuguese national team athletes. *High Ability Studies*, 24, 1-13.

Baxter-Jones, A., & Helms, P. (1996). Effects of training at a young age: A review of the training of young athletes (TOYA) study. *Pediatric Exercise Science*, 8, 310-327.

Beamer, M., Côté, J., & Ericsson, K. (1999). *A comparison between international and provincial level gymnasts in their pursuit of sport expertise*. Paper presented at the 10th Annual European Congress of Sport Psychology, July 7-12. Prague, FEPSAC.

Bemowski, K. (1996). Leaders on leadership. *Quality Progress*, 29(1), 43-45.

Bishop, D. (2008). An applied research model for the sports sciences. *Sports Medicine*, 38(3), 253-263.

Bloom, B. (1985). *Developing talent in young people* (pp. 507-549). New York: Ballantine Books.

Borms, J. (1996). *Early identification of athletic talent*. Keynote Address to the International Pre-Olympic Scientific Congress, Dallas, TX, USA.

Boucher, J., & Mutimer, B. (1994). The relative age phenomenon in sport: A replication and extension with ice-hockey. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 65, 377-381.

Brewer, J., Balsom, P., & Davis, J. (1995). Seasonal birth distribution amongst European soccer players. *Sports Exercise and Injury*, 1, 154-157.

Brustad, R. (1993). Youth in sport: Psychological considerations. In R. Singer, M. Murphey e L. Tennant (Eds.), *Handbook of research on sport psychology* (pp. 190-313). New York: Macmillan.

Burwitz, L., Moore, P., & Wilkinson, D. (1994). Future directions for performance related sports science research: An interdisciplinary approach. *Journal of Sport Sciences*, 12, 93-109.

Carlson, R. (1993). The path to the national level in sports in Sweden. *Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports*, 3, 170-177.

Carter, J. (1985). Morphological factors limiting human performance. In D. Clarke, & H. Eckert (Eds.), *Limits of Human Performance* (pp. 106-117). Champaign: Human Kinetics.

Charness, N., Krampe, R., & Mayr, U. (1996). The role of practice and coaching in entrepreneurial skill domains: An international comparison of life-span chess skill acquisition. In K. Ericsson (Ed.), *The road to excellence: The acquisition of expert performance in the arts and sciences, sports, and games* (pp. 51-80). Mahwah: Erlbaum.

Côté, J. (1999). The influence of the family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist*, 13, 395-417.

Côté, J., & Hay, J. (2002). Children's involvement in sport: A developmental perspective. In J. Silva e D. Stevens (Eds.), *Psychological foundations of sport* (pp. 484-502). Boston: Merrill.

Côté, J., Murphy-Mills, J., & Abernethy, B. (2012). The development of skill in sport. In N. Hodges e A. Williams (Eds.), *Skill acquisition in sport - research, theory and practice*. New York: Routledge.

Csikszentmihalyi, M., Whalen, S., Wong, M., & Rathunde, K. (1993). *Talented teenagers: The roots of success and failure*. New York: Cambridge.

Davids, K., & Baker, J. (2007). Genes, environment and sport performance. Why the nature-nurture dualism is no longer relevant. *Sports Medicine*, 37, 961-980.

Douge, B., & Hastie, P. (1993). Coach effectiveness. *Sport Science Review*, 2, 14-29.

Durand-Bush, N., & Salmela, J. (2002). The development and maintenance of expert athletic performance: Perceptions of world and Olympic champions. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14, 154-171.

Ericsson, K., Krampe, R., & Tesch-Romer, C. (1993). The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. *Psychological Review*, 100, 363-406.

Ericsson, K., & Lehmann, A. (1996). Expert and exceptional performance: Evidence of maximal adaptation to task constraints. *Annual Review of Psychology*, 47, 273-305.

Ericsson, K. (1998). The scientific study of expert levels of performance: General implications for optimal learning and creativity. *High Ability Studies*, 9, 75-100.

Ericsson, K. (2003). Development of elite performance and deliberate practice: An update from the perspective of the expert performance approach. In J. Starkes e K. Ericsson (Eds.), *Expert performance in sports* (pp. 49-83). Champaign: Human Kinetics.

- Falk, B., Lidor, R., Lander, Y., & Lang, B. (2004). Talent identification and early development of elite water-polo players: A 2-year follow-up study. *Journal of Sports Sciences*, 22, 347-355.
- Finn J., & McKenna J. (2010). Coping with academy-to-first-team transitions in elite English male team sports: The coaches' perspective. *International Journal of Sports Science and Coaching*, 5, 257-279.
- Fisher, R., & Borms, J. (1990). *The Search for Sporting Excellence*. Sport Science Studies 3. International Council of Sport Science and Physical Education. Germany: Karl Hoffman.
- Ford, P., Ward, P., Hodges, N., & Williams, A. (2009). The role of deliberate practice and play in career progression in sport: the early engagement hypothesis. *High Ability Studies*, 20, 65-75.
- Franks, A., Williams, A., Reilly, T., & Nevill, A. (1999). Talent identification in elite youth soccer players: Physical and physiological characteristics. *Journal of Sports Sciences*, 17, 812.
- Freeman, J. (1995). Towards a policy for actualising talent. In J. Freeman, P. Span, & H. Wagner (Eds.), *Actualizing talent: A lifelong challenge* (pp. 174-192). London: Cassell.
- French, K., & Mcpherson, S. (1999). Adaptations in response selection processes used during sport competition with increasing age and expertise. *International Journal of Sport Psychology*, 30, 173-193.
- Gilbert, W., & Trudel, P. (2004) Role of the coach: How model youth team sport coaches frame their roles. *The Sport Psychologist*, 18, 21-43.
- Gould, D., Dieffenbach, K., & Moffett, A. (2002). Psychological characteristics and their development in Olympic champions. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14, 172-204.
- Hardy, L., Jones, G., & Gould, D. (1996). *Understanding psychological preparation for sport: theory and practice of elite performers*. Chichester, England: Wiley.

Helsen, W., Starkes, J., & Van Wincel, J. (1998). The influence of relative age on success and drop out in male soccer players. *American Journal of Human Biology*, 10, 791-798.

Helsen, W., & Starkes, J. (1999). A multidimensional approach to skilled perception and performance in sport. *Applied Cognitive Psychology*, 13, 1-27.

Helsen, W., Hodges, N., Van Winckel, J., & Starkes, J. (2000). The roles of talent, physical precocity and practice in the development of soccer expertise. *Journal of Sports Sciences*, 18(9), 727-736.

Henriksen, K., Stambulova, N., & Roessler, K. (2010). A Holistic approach to athletic talent development environments: A successful sailing milieu. *Psychology of Sport and Exercise*, 11, 212-222.

Hill, G. (1993). Youth participation of professional baseball players. *Sociology of Sport Journal*, 10, 107-114.

Hill, M., & Hill, A. (2002). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

Hodges, N., & Starkes, J. (1996). Wrestling with the nature of expertise: A sport specific test of Ericsson, Krampe, and Tesch-Römer's (1993) theory of "deliberate practice". *International Journal of Sport Psychology*, 27, 400-424.

Holt, N., & Dunn, J. (2004). Toward a grounded theory of the psychosocial competencies and environmental conditions associated with football success. *Journal of Applied Sport Psychology*, 16, 199-219.

Holt, N., & Mitchell, T. (2006). Talent development in English professional football. *International Journal of Sport Psychology*, 37, 77-98.

Howe, M., Davidson, J., & Sloboda, J. (1998). Innate talents: Reality or myth? *Behavioral and Brain Sciences*, 21, 399-442.

Janelle, C., & Hillman, C. (2003). Expert performance in sport: Current perspectives and critical issues. In J. Starkes e K. Ericsson (Eds.), *Expert performance in sport* (pp. 19-48). Champaign: Human Kinetics.

Jankovic, S., Matkovic, B. R., & Matkovic, B. (1997). Functional abilities and process of selection in soccer. Communication to the *9th European Congress on Sports Medicine*, Porto, Portugal, 23-26 September.

Janssens, M., Van Renterghem, B., Bourgois, J., & Vrijens, J. (1998). Physical fitness and specific motor performance of young soccer players aged 11-12 years. Communication to the 2nd Annual Congress of the European College of Sport Science. *Journal of Sports Sciences*, 16, 434-435.

Jess, M., & Collins, D. (2003). Primary physical education in Scotland: The future in the making. *European Journal of Physical Education*, 8(2), 103-118.

Kirk, D., Carlson, T., O'Connor, A., Burke, P., Davis, K., & Glover, S. (1997). The economic impact on families of children's participation in junior sport. *Australian Journal of Science and Medicine in Sport*, 29, 27-33.

Knowles, M., Holton, E., & Swanson, R. (1998). *The adult learner*. Houston: Gulf Publishing.

Kreiner-Phillips, K., & Orlick, T. (1993). Winning after winning: The psychology of ongoing excellence. *The Sport Psychologist*, 7, 31-48.

MacNamara, A., Button, A., & Collins, D. (2010). The role of psychological characteristics in facilitating the pathway to elite performance. Part 1: Identifying mental skills and behaviours. *The Sport Psychologist*, 24, 52-73.

Marsh, H., Byrne, B., & Shavelson, R. (1988). A multifaceted academic self-concept: Its hierarchical structure and its relation to academic achievement. *Journal of Educational Psychology*, 80, 366-380.

Martindale, R., Collins, D., & Daubney, J. (2005). Talent development: a guide for practice and research within sport. *Quest*, 57, 353-375.

Martindale, R., Collins, D., & Abraham, A. (2007). Effective Talent Development: The Elite Coach Perspective in UK Sport, *Journal of Applied Sport Psychology*, 19(2), 187-206.

Martindale, R., Collins, D., Wang, J., McNeill, M., Sonk Lee, K., Sproule, J., & Westbury T. (2010). Development of the Talent Development Environment

Questionnaire (TDEQ) for Sports. *Journal of Sports Sciences*, 28(11), 1209-1221.

Moore, P., Collins, D., & Burwitz, L. (1998). *The development of talent study*. London: English Sports Council.

Morris, T. (1995). Psychological characteristics and sport behaviour. In T. Morris e J. Summers (Eds.), *Sport Psychology: Theory, Applications and Issues* (pp. 3-28). Chichester: John Wiley.

Morris, T. (1997). *Psychological Skills Training: An Overview*. Leeds: British Association of Sport and Exercise Sciences.

Musch, J., & Grondin, S. (2001). Unequal competition as an impediment to personal development: A review of the Relative Age Effect in Sport. *Developmental Review*, 21, 147-167.

Neisser, U., Boodoo, G., Bouchard, T., Boykin, A., Brody, N., Ceci, S., Halpern, D., Loehlin, J., Perlop, R., Sternberg, R., & Urbina, S. (1996). Intelligence: Knowns and unknowns. *American Psychologist*, 51, 77-101.

Nunnally, J., & Bernstein, I. (1994). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.

Palmer, C., Burwitz, L., Smith, N., & Collins, D. (1999) Adherence to fitness training of elite netball players: A naturalistic inquiry. *The Sport Psychologist*, 13, 313-333.

Panfil, R., Naglak, Z., Bober, T., & Zaton, E. (1997). Searching and developing talents in soccer: A year of experience. In J. Bangsbo, B. Saltin, H. Bonde, Y. Hellsten, B. Ibsen, M. Kjaer e G. Sjogaard (Eds.), *Proceedings of the 2nd Annual Congress of the European College of Sport Science* (pp. 649-650). Copenhagen: Storm.

Pena Reyes, M., Cardenas-Barahona, E., & Malina, R. (1994). Growth, physique, and skeletal maturation of soccer players 7-17 years of age. *Auxology, Humanbiologia Budapestinensis*, 25, 453-458.

Power, T., & Woolger, C. (1994). Parenting practices and age-group swimming: A correlational study. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 65, 29-39.

Prudente, J., Garganta, J., & Anguera, M. (2004). Desenho e validação de um sistema de observação no Andebol. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 4(3), 49-65.

Reeves, C., Nicholls, A., & McKenna, J. (2009). Stressors and coping strategies among early and middle adolescent premier league academy football players: Differences according to age. *Journal of Applied Sport Psychology*, 21, 31-48.

Reilly, T., Williams, A., Nevill, A., & Franks, A. (2000) A multidisciplinary approach to talent identification in soccer. *Journal of Sport Sciences*, 18, 695-702.

Reilly, T., & Gilbourne, D. (2003). Science and football: A review of applied research in the football codes. *Journal of Sports Sciences*, 21, 693-705.

Richardson, D. (1998). A head start? England' s World Cup babies (1986-1998). *Insight, The FA Coaches Association Journal*, 1(3), 28.

Richardson, D., & Stratton, G. (1999). Preliminary investigation into the seasonal birth distribution of England World Cup campaign players. *Journal of Sport Sciences*, 17, 821-822.

Richardson, D., Gilbourne, D., & Littlewood, M. (2004). Developing support mechanisms for elite young players in a professional football academy: Creative reflections in action research. *European Sport Management Quarterly*, 4, 195-214.

Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Rowley, S. (1992). *Training of young athletes study (TOYA): TOYA and lifestyle*. London: The Sports Council.

Sagar, S., Busch, B., & Jowett, S. (2010). Success and failure, fear of failure, and coping responses of adolescent academy football players. *Journal of Applied Sport Psychology*, 22, 213-230.

- Salmela, J., & Moraes, L. (2003). Development of expertise: The role of coaching, families, and cultural contexts. In J. Starkes e K. Ericsson (Eds.), *Expert performance in sports* (pp. 275-294). Champaign: Human Kinetics.
- Schmidt, R., & Wrisberg, C. (2000). *Motor learning and performance*. Champaign: Human Kinetics.
- Siedentop, D. (1978). Management of practice behavior. In W. Staub (Ed.), *Sport psychology: An analysis of athlete behavior* (pp. 42-48). Ithaca, NY: Movement Publications.
- Simonton, D. (1999). Talent and its development: An emergenic and epigenetic model. *Psychological Review*, 106, 435-457.
- Sinclair, D., & Orlick, T. (1993). Positive transitions from high performance sport. *The Sport Psychologist*, 7, 138-150.
- Singer, R., & Janelle, C. (1999). Determining sport expertise: From genes to supremes. *International Journal of Sport Psychology*, 30, 117-151.
- Sproule, J., Wang, J., Morgan, J., McNeill, M., & McMorris, T. (2007). Effects of motivational climate in Singaporean physical education lessons on intrinsic motivation and physical activity intention. *Personality and Individual Differences*, 43, 1037-1049.
- Stafford, I. (2005). *Coaching for long-term athlete development: To improve participation and performance in sport*. Leeds: Sports Coach.
- Starkes, J., Deakin, J., Allard, F., Hodges, N., & Hayes, A. (1996). Deliberate practice in sports: What is it anyway? In K. Ericsson (Ed.), *The road to excellence: The acquisition of expert performance in the arts and sciences, sports and games* (pp. 81-106). Mahwah: Lawrence Erlbaum.
- Starkes, J. (2000). The road to expertise: Is practice the only determinant? *International Journal of Sport Psychology*, 31, 431-451.
- Starkes, J., & Ericsson, K. (2003). *Expert performance in sports*. Champaign: Human Kinetics.

Sternberg, R. (2000). Giftedness as developing expertise. In K. Heller, F. Monks, R. Sternberg e R. Subotnik (Eds.), *International handbook of giftedness and talent* (pp. 55-66). Amsterdam: Elsevier.

Tabachnick, B., & Fidell, L. (2001). *Using multivariate statistics*. Boston: Allyn & Bacon.

Talbot-Honeck, C., & Orlick, T. (1998) The essence of excellence: Mental skills of top classical musicians. *The Journal of Excellence*, 1, 66-81.

Tenebaum, G., Sar-El, L., & Bar-Eli, M. (2000). Anticipation of ball locations in low and high skilled performers: A developmental perspective. *Psychology of Sport and Exercise*, 1, 117-128.

Toering, T., Elferink-Gemser, M., Jordet, G., & Visscher, C. (2009). Self-regulation and performance level of elite and non-elite youth football players. *Journal of Sports Sciences*, 27, 1509-1517.

Van Rossum, J. (2001). Talented in dance: The Bloom stage model revisited in the personal histories of dance students. *High Ability Studies*, 12, 181-197.

Van Yperen, N. (2009). Why some make it and others do not: Identifying psychological factors that predict career success in professional adult soccer. *The Sport Psychologist*, 23, 317-329.

Wang, C., Sproule, J., McNeill, M., Martindale, R., & Lee, K. (2011). Impact of the Talent Development Environment on Achievement Goals and Life Aspirations in Singapore, *Journal of Applied Sport Psychology*, 23(3), 263-276.

Ward, P., & Williams, A. (2003). Perceptual and cognitive skill development in soccer: The multidimensional nature of expert performance. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 25, 93-111.

Ward, P., Hodges, N., Starkes, J., & Williams, A. (2007). The road to excellence: deliberate practice and the development of expertise. *High Ability Studies*, 18, 119-153.

Weiss, M., & Hayashi, C. (1995). All in the family: Parent-child influences in competitive youth gymnastics. *Pediatric Exercise Science*, 7, 36-48.

Wilkinson, H. (1997). *The Charter for Quality*. London: The English Football Association.

Williams, A., & Davids, K. (1995). Declarative knowledge in sport: A byproduct of experience or a characteristic of expertise? *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 17, 259-275.

Williams, A., & Hodges, N. (2004). *Skill acquisition in sport: Research, theory, and practice*. London: Routledge.

Williams, J. (1998). *Applied Sport Psychology: Personal Growth to Peak Performance*. Mountain View: Mayfield.

8. ANEXOS

8. Anexos

Anexo 1: Carta de apresentação



Caro Treinador

No âmbito do Gabinete de Psicologia do Desporto da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, está a ser desenvolvida uma linha de investigação acerca do desenvolvimento da excelência no desporto. Um dos projectos em curso está a ser conduzido pelo mestrando Oscar Rodrigues e centra-se na análise de contextos onde o talento no desporto se desenvolve, nomeadamente no futebol.

Sendo a nossa intenção questionar atletas juniores que participem nos campeonatos nacionais ou distritais de futebol vimos por este meio solicitar a vossa disponibilidade para participar neste projecto.

Em virtude da natureza e profundidade do estudo, pretendemos aplicar um questionário que pode demorar, aproximadamente, 15 minutos a ser respondido. O objectivo deste questionário é medir as experiências de atletas em desenvolvimento em relação às principais características, empiricamente identificadas, de contextos eficazes no desenvolvimento de talentos. Caso aceitem participar, a aplicação do questionário será realizada num local e hora definido por si.

Todas as informações prestadas são completamente confidenciais e nunca será revelada a sua origem ou usado o nome de algum atleta.

Gostaríamos ainda de sublinhar que mais do que saber o que especificamente aconteceu num caso, interessa reunir informação de vários atletas que nos permitam ter um conhecimento mais profundo e vasto deste fenómeno que é o desenvolvimento da prestação desportiva. Assumimos ainda o compromisso de facultar, ao clube, um resumo dos resultados do estudo. Se tiver qualquer dúvida ou questão relacionada com este estudo, por favor, escreva para o endereço electrónico: oscarrodrigues5@hotmail.com

Com os melhores cumprimentos e agradecendo a sua disponibilidade

Oscar Rodrigues

Aceito participar no estudo acima descrito. Aceito ainda que o Gabinete de Psicologia do Desporto da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto me contacte novamente para eventuais estudos que se sigam acerca desta mesma linha de investigação.

(Assinatura)